



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

O BLOGUEIRO E SUAS PRÁTICAS - CORPOS CARNAVALIZADOS E
INTERAÇÕES MULTIFACETADAS

Lucas Rodrigues Lopes

SÃO CARLOS
2010



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

O BLOGUEIRO E SUAS PRÁTICAS - CORPOS CARNAVALIZADOS E
INTERAÇÕES MULTIFACETADAS

Lucas Rodrigues Lopes

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a
obtenção do Título de Mestre em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello.

São Carlos – São Paulo - Brasil

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L864bp

Lopes, Lucas Rodrigues.

O blogueiro e suas práticas - corpos carnavalizados e interações multifacetadas / Lucas Rodrigues Lopes. -- São Carlos : UFSCar, 2010.

115 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Linguística. 2. Blog. 3. Escrita na Internet. 4. Dialogismo. 5. Carnavalização I. Título.

CDD: 410 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdemir Miotello

Valdemir Miotello

Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan

Renata Marchezan

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Roberto Leiser Baronas

A todos que usam a virtualidade para serem quem querem ser!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu orientador Dr. Valdemir Miotello que, desde o início de meu percurso, aqui, na UFSCar, sempre, me incentivou a lançar meu olhar e esperar do outro contribuições, fossem elas teóricas, ou não. Suas inúmeras qualidades me fazem sentir honrado por ter sido seu orientando.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar pelas contribuições nas disciplinas cursadas e por terem me ajudado imensamente na pesquisa.

À Prof. Dr^a Renata Maria Facuri Coelho Marchezan por ter aceitado participar do exame de defesa, além das contribuições teóricas que me fizeram olhar de forma diferente para meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas por diversas orientações válidas no exame de qualificação, sobretudo pela atenção.

À Prof. Dr^a Maria de Fátima Silva Amarante, querida professora da graduação, que continuou ao meu lado no mestrado, participando do exame de qualificação. Obrigado pelos muitos detalhes e observações!

À Jerônima, minha mãe que, sempre, me ensinou a persistir, nunca desistindo daquilo que estabeleci como meta a ser vencida na minha vida.

Aos colegas da pós, entre eles, Sidnay, Sandra, Milena, Mariúcha, Solange, Tânia Mara e Ana Pereira, por terem compartilhado comigo suas (in)certezas e angústias comuns a nós todos.

Aos meus queridos e essenciais amigos: Carina, Luiz, Juninho, Clara e Nilton.

Um agradecimento especial às essências da minha constituição como professor: Elizabeth Normanha, Renata Bueno Scacinatti e Seviana Navarro.

Aos meus alunos e ex-alunos, essenciais na minha carreira e na minha formação, e colegas de trabalho Marcos Paulo, Margarete e Viviane.

À SUPER Nani, pelos serviços impecavelmente prestados, bem como pela paciência e gentileza de sempre.

Aos meus irmãos Luciano e Alessandra pelo apoio incansável, mesmo quando eu parecia ser o último.

E, por último, mas em primeiro lugar na minha vida: Deus, pela força desmedida, quando eu mais precisei, muitas vezes parecendo uma ovelha desgarrada do rebanho.

Você não quer ver nada além do seu umbigo
E eu quero ver o que há depois do perigo
Você acha que ninguém sofre mais do que você
Talvez porque não saiba ao certo o que é sofrer
Ando pelas ruas cheirando a fumaça dos motores
Enquanto você fantasia suas dores de amores

Você não quer ver nada além
Que ninguém ensina nada a ninguém
Você não quer ver nada além
Que ninguém ensina nada a ninguém

Você não quer ver nada além do seu mundinho
E eu prefiro escrever meu próprio caminho
Você acha que ninguém sofre mais do que você
Talvez porque não saiba ao certo o que é sofrer
Você sonha ser princesa em castelos fabulosos
Enquanto eu vago na cidade entre inocentes e criminosos

Você não quer ver nada além
Que ninguém ensina nada a ninguém
Você não quer ver nada além
Que ninguém ensina nada a ninguém

Fique com os seus bonsais, seus haicais
Sua paz, suas flores, seu jardim de inverno
Se isso é céu
Eu prefiro meu inferno

Porque você não quer ver nada além
Que ninguém ensina nada a ninguém
Você não quer ver nada além
Que ninguém ensina nada a ninguém
(Frejat em **Nada além**)

Lista de Figuras

Figura 1 – Página inicial do Blogger <https://www.blogger.com/start> (Pág. 51)

Figura 2 – Perfil do blogueiro responsável pelo blog:
<http://arcanjomisterioso.blogspot.com/> (Pág. 68)

Figura 3 - Perfil do blogueiro responsável pelo blog:
<http://fodocomgays.blogspot.com/> (Pag. 69)

Figura 4 - Perfil do blogueiro responsável pelo blog:
<http://soumundano.blogspot.com/> (Pág. 70)

Figura 5 - Perfil do blogueiro responsável pelo blog:
<http://homorango.blogspot.com/> (Pág. 70)

Figura 6 – Página inicial da rede social Manhunt:
<http://www.manhunt.net/> (Pág. 89)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 8

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA 12

- 1.1 A dimensão dialógica da linguagem 12
- 1.2 A carnavalização: um enfoque possível 18
- 1.3 O que estilo e gêneros do discurso implicam?

2. OLHARES SOB O BLOG 38

- 2.1 Para começo de conversa, o que é um blog? 39
- 2.2 O blog e a praça pública têm algo em comum? 41
- 2.3 O blogueiro carnavalizado 44

3. CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA

49

- 3.1 Intimidades no Blogger 49
- 3.2 O corpo e suas formas carnavalizadas no Blogger 55
- 3.3 A lógica binária 62

4. MARCAS DISCURSIVAS QUE CONSTROEM UM BLOGUEIRO:

UMA POSSÍVEL ANÁLISE DISCURSIVA 67

- 4.1 O blogueiro e seu perfil, o que nos dizem? 69
- 4.2 Dialogismo, o estilo e a carnavalização no Blogger 74

CONSIDERAÇÕES FINAIS 111

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 114

RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar de maneira discursiva a construção da homossexualidade nos blogs veiculados pelo site Blogger, buscando compreender como o corpo, o discurso do outro e o uso vocabular são construções que, possivelmente, tracem uma identidade tanto do blogueiro como de seu parceiro.

Trabalhamos com a hipótese de que, nos textos dos blogs analisados, a identidade que é construída pelos blogueiros só se torna possível pelos atos estilísticos que as postagens apresentam, pois, por meio delas, o texto apresenta marcações de vozes, descrições dos corpos, além de tratarem das experiências com o mesmo sexo. Ou seja, o blogueiro adota diferentes papéis, diante de diferentes situações. Nessa perspectiva, tomamos como ótica teórico-metodológica, os pressupostos de Mikhail Bakhtin, com relação ao dialogismo, à carnavalização e aos gêneros do discurso. O *corpus* de análise é textos que foram postados na blogosfera, isto é, no espaço virtual em que os textos são expostos.

PALAVRAS-CHAVE: blog; escrita na Internet; dialogismo; carnavalização

ABSTRACT

Our research aims to analyze the discursive construction of the homosexuality in the blogs organized by an internet company called Blogger, seeking to understand how the body, other's discourse and the vocabulary usage are linguistics strategies which likely trace either an identity from the blogger and its partner.

We work with the hypothesis that, in the texts from the blogs analyzed, the identity which is constructed by the bloggers is only made possible due to the fact the blog's writer makes some stylistics choices and they are visible to analyze and because of them, we can get to see demarked voices, body descriptions, besides treating the same sex experiences. By the way, the blogger adopts different roles on different situations. Taking this into account, we will be under Mikhail Bakhtin's theoretical and methodological shades and the main concepts we are going to develop along our dissertation will be dialogism, carnivalization and stylists. The empirical *corpus* will be mobilized from at least four blogs which published at about four texts since 2006 up to now.

KEYWORDS: blog; internet writing; dialogism; carnivalization.

Apresentação

My best friend gave me the best advice
He said each day's a gift and not a given right
Leave no stone unturned
Leave your fears behind
And try to take the path less travelled by
That first step you take is the longest stride¹

(Nickelback em **If today was your last day**)

A religião ainda é um dos pilares de sustentação de uma sociedade. Com a nação brasileira, não é diferente. Muitos ainda seguem os ensinamentos propostos pela Igreja, e eles aprendem que esta se posiciona contrariamente ao comportamento gay, pois afirma que o homem foi criado para o propósito natural: deixar seu pai e sua mãe, juntando-se à sua esposa (Gênesis 1: 27,28). Por mais que saibam da desaprovação da Igreja no que diz respeito à união de pessoas do mesmo sexo e a suas práticas sexuais, muitos, diariamente, semanalmente e mensalmente tem se posicionado de forma contrária ao que é ensinado pela Igreja.

No passado, embora as pessoas seguissem regras, elas possuíam um dia e um lugar para que pudessem expressar a liberdade utópica. Na atualidade, cremos que muitos indivíduos fazem uso de criações tecnológicas e expõem suas práticas sexuais com o mesmo sexo em espaços virtuais. Ainda que essa exposição possa apresentar uma liberdade condicionada, é, por meio dela, que

¹ Meu melhor amigo me deu um de seus melhores conselhos. Ele disse que, cada dia, é uma dádiva e, não, um direito concedido. Por isso, não deixe que as pedras fiquem no mesmo lugar. Deixe seus medos para trás. E tente seguir os caminhos menos percorridos. Este será o primeiro passo de uma longa caminhada (Tradução nossa).

muitos buscam retratar suas experiências de forma desimpedida de regras e tabus religiosos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, mobilizamos conceitos teórico-metodológicos propostos por Mikhail Bakhtin, dentre eles estão estilo, dialogismo e carnavalização.

O interesse em analisar o que é postado virtualmente origina-se de uma hipótese que é parte de um postulado teórico bakhtiniano que afirma que, ao enunciar, fazemos escolhas linguísticas, além do que

Falamos sempre através da palavra dos outros, seja por meio de uma simples imitação, como uma pura citação, seja em uma tradução literal ou, ainda, nas diferentes formas de transposição, que comportam diferentes níveis de distanciamento da palavra alheia: a palavra entre aspas, o comentário, a crítica, o repúdio etc (Ponzio, 2008, p. 101)

Desse modo, se as pessoas que postam textos de forma virtual, retratam neles suas práticas sexuais, então nos interessará saber como essas pessoas tratam o corpo, que vocabulário usam e como outras vozes emergem nos textos postados.

Ao olharmos para o que é postado nos seguintes espaços virtuais – Homorango, Eu fodo com gays idiotas, Estórias do mundo e Diário de um arcanjo – buscamos investigar como o corpo e o ato sexual são discursivamente tratados, além de pensar sobre as vozes que aparecem nos textos postados na virtualidade. Fará parte de nosso papel aplicar os conceitos já citados de cunho bakhtiniano, pois nos permitirão saber os seguintes aspectos:

-Quando o sujeito gay fala de suas experiências sexuais com o mesmo sexo, quais partes do corpo são retratadas;

-Como o vocabulário é destituído de seu sentido original e adota um novo naquele momento; além de percebermos como vozes que aparecem, nas postagens de sujeitos gays, criticam², repudiam e refutam o próprio comportamento gay, o discurso religioso, dentre outros.

Para dar conta desta questão, estruturamos a dissertação em quatro capítulos, acrescidos de uma apresentação, considerações finais e referências. No primeiro capítulo – Fundamentação Teórico-metodológica – apresentamos e discutimos questões teóricas mobilizadas ao longo deste trabalho e propostas por Mikhail Bakhtin. Inicialmente, abordamos a respeito da dimensão dialógica da linguagem, depois passamos pelo conceito de carnavalização e, finalmente, chegamos ao estilo.

Compreender estes conceitos é de necessária importância, pois serão com eles que trabalharemos na parte analítica do trabalho.

No segundo capítulo – Olhares sob o blog – fizemos algumas considerações sobre nosso objeto de pesquisa, sobre a temática da blogosfera que escolhemos analisar, além de fazermos algumas analogias do objeto de pesquisa ao que foi proposto por Bakhtin ao analisar a obra de François Rabelais. As analogias nos permitiram pensar acerca da possibilidade de o blog ser analisado da mesma forma que a praça era. Ou seja, nela, as pessoas poderiam falar sem se preocuparem com amarras sociais ou religiosas.

² Nossa pesquisa, embora tenha como temática a construção discursiva do corpo, das vozes que aparecem nos textos e do emprego vocabular de sujeitos gays em blogs veiculados pela licenciadora Blogger, não objetiva criticar a forma com que os sujeitos tratam discursivamente outros.

O terceiro capítulo – Considerações possíveis de uma análise discursiva - apresentou alguns fios que achávamos importantes antes de proceder com a análise. Passamos pela intimidade nos blogs, estabelecemos os endereços virtuais de onde foram extraídos os textos de relatos íntimos, mostramos como o conceito originado da obra de Bakhtin “carnavalização” seria aplicado ao corpo.

E, no quarto capítulo – Marcas discursivas que constroem um blogueiro: Uma possível análise discursiva – operamos a partir dos conceitos bakhtinianos de estilo, carnavalização e dialogismo, para que pudéssemos analisar os textos postados virtualmente, além de buscar atingir nosso objetivo: saber como o corpo era carnavalizado, como o discurso do outro se faz presente na postagem do blogueiro e como é empregado o vocabulário quando se referem às suas práticas sexuais.

Logo após, os resultados foram apresentados e uma discussão. Na sequência, apresentamos as referências bibliográficas.

I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A palavra é o meu domínio sobre o mundo

(Clarice Lispector)

Na introdução, apresentamos nosso trabalho e nesse primeiro capítulo, temos como objetivo tratar de alguns conceitos essenciais para a compreensão da teoria sob o enfoque de Mikhail Bakhtin.

Esboçaremos sobre dialogismo, carnavalização e gêneros do discurso, o que é de extrema importância para nossa pesquisa, pois refletem acerca de alguns meandros percorridos pelo teórico russo.

1.1 A DIMENSÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Conforme já dissemos, temos como objetivo apresentar as contribuições de Mikhail Bakhtin aos estudos linguísticos sob o enfoque de três conceitos. Nesse momento, ganhará os primeiros contornos o conceito do dialogismo³, bem como o dos gêneros do discurso.

³ Valdemir Miotello, em sua obra "Dialogismo: olhares, vozes, lugares (2009), diante de um dos conceitos mais empregados de cunho bakhtiniano, afirma que "A linguagem e a vida são dialógicas. Elas partem do outro, me constituem. E misturados [Eu e o Outro] nos constituímos, re-constituímos o mundo e a linguagem, nas relações sociais, nos entreveros, nos choques, nos acontecimentos, alcançados como acontecimentos linguísticos. Estar de olho no mundo nos põe em determinado lugar, de onde podemos inter-agir com todos os outros lugares. Sou a partir das relações que estabeleço; essas mediações são atividades constituidoras". (p. 08, 09)

Bakhtin afirmou que o texto deveria ser o objeto de estudo das ciências humanas, pois o texto apresenta particularidades próprias do homem. Assim, “o homem em sua especificidade exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto” (Bakhtin, 2003, p. 310).

É Bakhtin quem nos assegurou que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (p. 261), portanto, no que diz respeito ao uso da língua, seu emprego realiza-se por meio de enunciados⁴, quer eles sejam orais ou escritos. Ou seja, no momento em que esses enunciados são expressos demonstram-se condições específicas e finalidades de cada campo da atividade humana. Elas serão construídas, segundo o teórico russo, por meio de seu “conteúdo (temático)” e pelo “estilo” da linguagem. Mas para que isso ocorra, deverá haver seleção de recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua.

A respeito de três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional poder-se-ia dizer que estão unidos no enunciado como um todo, sendo determinados pelo campo de comunicação dentro do qual a enunciação se dá. Também, com relação à enunciação, esta será definida pelas condições reais, isto é, pela “situação social mais imediata” (Bakhtin, 2006, p. 114).

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gêneros nos diversos campos de atividade humana torna-se importante, pois é de onde se extraem os fatos linguísticos dos quais necessitamos.

⁴ Segundo Paulo Bezerra, tradutor de algumas obras do autor, Bakhtin não fez distinção entre enunciado e enunciação. Ou seja, é empregado o termo que ora faz referência ao ato de produção do discurso oral, ora ao discurso escrito. Ou ao discurso da cultura, ou ao romance já publicado e absorvido por uma cultura.

Um dos elementos que merece atenção é o estilo, pois, de acordo com Bakhtin (2003, p. 265) “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”. Desse modo, qualquer enunciado pode refletir a individualidade do falante ou de quem escreve, todavia deve-se atentar ao fato de que há alguns gêneros que são propícios a refletirem a individualidade do falante na linguagem. Sobre os gêneros mais favoráveis a exprimirem um estilo individual, Bakhtin (2003, p. 265) expressou que

Os gêneros mais favoráveis da literatura de ficção: aqui o estilo individual integra diretamente o próprio edifício da enunciação, é um dos seus objetivos principais (contudo no âmbito da literatura de ficção os diferentes gêneros são diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos da individualidade).

Contrapondo-se aos gêneros que apresentam alguma facilidade ao exprimirem um estilo, estão aqueles, se assim poderíamos dizer, “mais engessados” que requerem uma forma padronizada: documentos oficiais, de ordens militares.

Por retomar a relação indissolúvel do estilo com o gênero, observa-se que os estilos de linguagem ou funcionais não são nada além de estilos de gênero. Logo, em cada esfera da atividade humana, existem e são empregados gêneros que são pertinentes às condições específicas. Assim, segundo Bakhtin, “a própria escolha de uma determinada forma gramatical é um ato estilístico” (p.269).

Sendo a “enunciação o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (Bakhtin, 2006, p. 114), toda palavra tem duas faces. Ela procede de alguém, como pelo fato de que ela se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. No capítulo 6, no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin disse que:

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor (Bakhtin, 2006, p. 115)

De tal modo, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, o ouvinte ocupa simultaneamente uma posição responsiva. Ele pode concordar ou discordar dele, completá-lo, aplicá-lo, preparar-se para usá-lo. Também, apresentou-se um excerto sobre isso, em sua obra *Estética da Criação Verbal*, o qual nos dizia que “toda compreensão é prenhe de respostas” (Bakhtin, 2003, p. 272) logo, o fato de compreender alguma forma de enunciado é evidência de que o ouvinte se tornará falante.

O pensador russo demonstrou aprofundamento teórico acerca do assunto quando disse que “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (Bakhtin, 2003, p. 272). Ainda, ressalta-se que o próprio falante está determinado a compreender responsivamente, isto é, ele não espera de forma passiva sua compreensão. A compreensão de forma passiva seria semelhante a uma dublagem do pensamento em uma voz pertencente ao outro.

Ao enunciar de forma responsiva, o falante torna-se um respondente maior ou menor, segundo o russo. Pois ele não é o primeiro a falar⁵, violando o silêncio. Ele, sobretudo, precisa pressupor que haja tanto um sistema da língua que ele faz uso como enunciados antecedentes. Sejam seus ou alheios. Com isso, Bakhtin (2003, p. 272) disse que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Com relação a esse aspecto do enunciado, Geraldi (2008, p. 08), no prefácio à edição brasileira de *A revolução bakhtiniana*, de Augusto Ponzio, cita o autor italiano quando este afirma que todo texto oral ou escrito está conectado dialogicamente a outros textos. Demos atenção:

Todo texto, escrito ou oral, está dialogicamente conectado com outros textos. Está pensado em consideração aos outros possíveis textos que este pode proporcionar, antecipa possíveis respostas, objeções, e se orienta em direção a textos anteriormente produzidos, aos que aludem, replicam, refutam ou buscam apoio, aos que congregam, analisam, etc.

Assim, por mais que as palavras sejam tecidas a partir de diversos outros fios discursivos, elas necessitam de estar atreladas a enunciados, os quais pertencem a um determinado discurso do sujeito. Desse modo, o teórico russo afirmou que não há possibilidade de existência discursiva fora de enunciados. Por isso, uma enunciação coloca em funcionamento palavras e expressões que, necessariamente, já foram enunciadas em outros momentos, em circunstâncias semelhantes ou não. Leva-se, também, em conta que as

⁵ Segundo Fiorin, em sua obra “Introdução ao Pensamento de Bakhtin (2006), o locutor não é Adão – que segundo o mito bíblico, produziu o primeiro enunciado -, um discurso pode ser tanto o lugar de encontro de pontos de vistas de locutores imediatos (por exemplo, num bate-papo, numa admoestação a um filho), como de visões de mundo, de orientações teóricas, de tendências filosóficas (por exemplo, na literatura, nos editoriais, nos programas partidários).

palavras não estão no conjunto da língua abstrata e sim no conjunto de discursos concretos, que se liga a “contextos situacionais e linguísticos concretos” (Ponzio, 2008, p. 102).

Com respeito a pôr em jogo palavras e expressões, torna-se interessante a afirmação do linguísta americano Charles Bazerman (2004), pois estaria de acordo com o princípio bakhtiniano de que a língua é de natureza dialógica. O pesquisador americano diz que

Quase toda palavra ou frase que usamos, já tínhamos ouvido ou visto antes. A nossa habilidade e originalidade como escritores vem da forma como colocamos as palavras de formas diferentes para que supram nossas necessidades específicas. nós sempre confiaremos nas palavras que compartilhamos com outros (Bazerman, 2004, p. 83)⁶

Sobre a escolha feita pelos autores de textos no que diz respeito às palavras e expressões empregadas, Ponzio (2008, p. 104) nos lembra que suas diferentes combinações não são escolhas feitas de maneira abstrata, mas são escolhas que “dependem dos instrumentos que uma determinada língua põe à disposição para representar a palavra alheia”. Portanto, Bakhtin (2006, p. 156) afirmou que “a língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes”. Desse modo, nota-se que não há particularidades abstratas ao escolher palavras ou ao escolher a forma como elas serão organizadas, a fim de produzirem sentido. O que determina o modo como os sujeitos constituem seus discursos são os interesses que cada indivíduo possui. Os interesses são fruto da história e do grupo social ao qual cada pertence. Essa constituição histórica e social é o que permite o autor

⁶ No original “Almost every word and phrase we use we have heard or seen before. Our originality and craft as writers come from how we put words together in new ways to fit our specific situations, needs, and purposes, but we always need to rely on the common stock of language we share with others”. (Tradução nossa)

tratar, em seus textos, de fatos nos quais será impressa sua marca, o que está totalmente ligado ao projeto de dizer de cada pessoa, às intenções que constituem os discursos.

1.2 A CARNAVALIZAÇÃO: UM ENFOQUE POSSÍVEL

Anteriormente, foi discutido com respeito à natureza dialógica da linguagem. Dando continuidade ao olhar teórico por nós proposto, passaremos, agora, ao conceito denominado “carnavalização”.

Inicialmente, esclareceremos que o termo tem sido utilizado de forma ampla sob o enfoque dos estudos literários. No entanto, o que é proposto é o uso adaptado do conceito de carnavalização proposto por Bakhtin. Neste momento, faremos uma explanação sobre o conceito, bem como sua aplicação de forma analítica posteriormente.

O dicionário⁷ define a palavra carnavalização⁸ como “subversão de padrões morais ou regras sociais em favor de temas, formas e conteúdos relacionados aos instintos, aos prazeres sensuais e ao riso”. A partir dessa definição, buscaremos explicar sob a ótica bakhtiniana como tal conceito foi desenvolvido.

⁷ <http://aulete.uol.com.br>

⁸ Beth Brait diz, em sua obra “Bakhtin outros conceitos-chave (2006), “Com o propósito de estudar François Rabelais e mostrar aspectos ainda não desvendados de sua obra, Bakhtin faz um estudo original sobre o riso, sobre a cultura popular, sobre o Carnaval, fenômenos que, pela tradição e pelas particularidades, propiciam uma visão inusitada, criativa e irreverente do mundo. O vocabulário da praça pública, as formas e imagens da festa popular, a imagem grotesca do corpo, as imagens de um autor e as realidades de seu tempo são alguns dos aspectos cujo estudo aprofundado resultou em conceitos que, mais tarde, foram mobilizados pela Linguística, pela Literatura, pela antropologia ou por outras Ciências Humanas” (p. 25)

Segundo Mikhail Bakhtin, em sua obra “A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais (2008) ⁹”, “o mundo infinito das formas de manifestações do riso iria se opor à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. O teórico apresentou na obra três categorias que refletiriam o aspecto cômico do mundo, das quais nos ocuparemos apenas de uma, que é “diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro” (Bakhtin, 2008, p. 04).

Na Idade Média, os ritos e espetáculos organizados à maneira cômica tinham como objetivo diferenciar das formas do culto e das cerimônias oficiais e sérias do Estado feudal e da Igreja. Com relação aos ritos e espetáculos, afirmou-se que eles

ofereciam uma visão de mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído ao lado um mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles *viviam* em ocasiões determinadas (Bakhtin, 2008, p. 04, 05)

Desse modo, a dualidade na percepção do mundo e da vida humana é notada. O que era algo permitido até a criação do regime de classes e de Estado, quando as formas cômicas adquirem um tom não-oficial. Ressalta-se que o cômico traz aos ritos de carnaval a libertação de qualquer dogmatismo religioso e eclesiástico, do misticismo e da piedade. Não buscam apresentar características do mágico ou do encantatório, contrariamente, parodiam

⁹ Segundo Fiorin, em sua obra “Introdução ao pensamento de Bakhtin” (2006), ainda que haja um delineamento do conceito de carnavalização, no capítulo IV de “A poética de Dostoiévski”, foi, em “A cultura popular na idade média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais, que o conceito é refinado e desenvolvido.

crenças religiosas. Por isso, segundo Bakhtin (2008, p. 06), “são formas decididamente exteriores à Igreja e à religião”, pois “pertencem à esfera particular da vida cotidiana”.

Bakhtin nos alertou com relação ao sentido que o carnaval deveria tomar. Então, o conceito estaria em consonância com seus pensamentos. Ele nos disse que o carnaval é “a própria vida apresentada com elementos característicos de representação” (Bakhtin, 2008, p. 06). A partir da seguinte afirmação, notamos que o carnaval ao qual Bakhtin se referia é diferente do qual temos na atualidade:

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem*, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem fronteira *espacial*. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da *liberdade*. (Bakhtin, 2008, p. 06)

Assim, o carnaval não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval.

Bakhtin, ao explicar sobre as festividades, notou que elas possuem uma conexão com o tempo, pois são representantes dos períodos de crise, de transtornos da natureza, da sociedade e do homem. Como se representassem a morte e a ressurreição (Bakhtin, 2008, p. 08). Ainda, o teórico nos afirmou que a festa só alcançaria sua plenitude, quando conseguisse revestir a segunda vida do povo, conforme já citado. Porque esta ainda que, temporariamente,

penetraria no “reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância” (p. 08).

As festas populares sempre buscavam se opor às oficiais. Embora as festas oficiais tentassem ter a participação do povo, tal objetivo não era alcançado, pois não propiciavam a segunda vida ao povo. Contribuíam apenas para consagrar, sancionar o regime em vigor. A festa oficial olhava para as regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas, tabus religiosos, políticos e morais correntes. Contrapondo-se à festa oficial, o carnaval era “um triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (Bakhtin, 2008, p. 08).

É interessante ressaltar que, ao abolirem as relações hierárquicas, as festas populares opunham-se à perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação. Para entendermos melhor, as festas oficiais se destacavam por apresentarem personagens com seus títulos, graus e funções que ocupavam. O que estas festas objetivavam era a desigualdade, detalhe contrário ao poder das festas populares. Pois, nestas, todos eram iguais, por mais que, na vida cotidiana, possuíssem diferenças. Fosse essa diferença relacionada à sua condição, à sua fortuna, ao seu emprego, idade ou situação familiar.

Com o objetivo de contrastar o regime feudal e a época do carnaval, atestou-se que “o indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia” (Bakhtin, 2008, p. 09).

O que nos interessa, neste momento, origina-se do que é proposto pelo pesquisador russo:

O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero (Bakhtin, 2008, p. 09)

Desse modo, para que houvesse a eliminação das relações hierárquicas entre indivíduos, criava-se um tipo particular de comunicação¹⁰, inconcebível em situações normais. Ou seja, formas especiais de vocabulário eram empregadas, assim expressavam-se de modo franco e sem restrições. Um dos objetivos desse vocabulário era abolir toda distância entre indivíduos em comunicação, liberados da norma corrente de etiquetas. Ao explanar mais sobre isso, Bakhtin afirmou que o conceito

caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas “ao avesso”, “ao contrário”, das permutações constantes do alto e do baixo, da face, do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis, profanações, coroamentos, destronamentos bufões. A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como “um mundo ao revés” (Bakhtin, 2008, p. 10)

¹⁰ Ressalta-se que um de nossos objetivos, nessa dissertação, é pesquisar como são construídas, discursivamente, via Bakhtin, as referências ao corpo feitas pelos blogueiros nos blogs veiculados pela licenciadora Blogger. Pois, como veremos ainda, há uma criação de um estilo que, segundo o teórico russo, tem o objetivo de identificar quem escreve e sobre o que escreve.

Como nosso objetivo, ao escolher as considerações feitas a respeito do conceito de carnavalização, era tratar da terceira forma de expressão da cultura cômica, isto é, de certos fenômenos e gêneros do vocabulário familiar e público da Idade Média e do Renascimento, pretendemos agora priorizar como as expressões utilizadas de forma não-oficial poderiam caracterizar o corpo.

Conforme já enunciado, pesquisar como o corpo era construído discursivamente naquela época pode nos interessar, pois, posteriormente, nossa tarefa será analisar, nos blogs com temática gay, como essa mesma construção se dará.

Para retomarmos, a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana criavam um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo real e ideal entre as pessoas, impossível de se estabelecer na vida ordinária. O contato entre os falantes apresentava familiaridade, uma relação sem restrições. Como resultado, uma forma de comunicação produziu novas formas linguísticas: gêneros inéditos, mudanças de sentido, dentre outros. Segundo o teórico,

Quando duas pessoas criam vínculos de amizade, a distância que as separa diminui (estão em pé de igualdade) e as formas de comunicação verbal mudam completamente: tratam-se por tu, empregam diminutivos, às vezes mesmo apelidos, usam epítetos injuriosos que adquirem um tom afetuoso. Não precisam polir a linguagem nem observar os tabus, podem usar, portanto, palavras e expressões inconvenientes (Bakhtin, 2008, p. 14)

Assim, da linguagem oficial, aquela voltada ao Estado e à Igreja, foram eliminadas expressões verbais obscenas que, segundo o teórico russo, evocavam “imagens do corpo, da satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual” (Bakhtin, 2008, p. 16).

Um dos traços marcantes com relação ao corpo sob a ótica bakhtiniana da carnavalização é o rebaixamento. Isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato.

Com relação às inversões mencionadas anteriormente, é dito que

O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. O “alto” é o céu; o “baixo” é a terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto *corporal*, que não está nunca separado do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro (Bakhtin, 2008, p. 18, 19)

Desse modo, eram empregadas formas linguísticas que fizessem referência ao corpo, ao ventre e aos órgãos genitais, e, portanto, segundo o autor russo, a “atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais” (Bakhtin, 2008, p. 19)

Bakhtin, em sua obra, ainda afirmou que “o corpo não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado nem perfeito, mas ultrapassa-se a si mesmo, franqueia seus próprios limites”. Com relação às partes do corpo, o autor explicou que

há ênfase nas partes do corpo em que ele se abre ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz (Bakhtin, 2008, p. 23)

O autor observou que “exageros e hipérboles nitidamente fundamentadas” seriam encontradas na descrição de corpos e da vida corporal. Ele ainda ressaltou que “os sinais mais marcantes seriam o exagero, hiperbolismo, a profusão” (Bakhtin, 2008, p. 265).

Ao explicar com respeito às partes do corpo, o teórico disse que

Depois do ventre e do membro viril, é a boca que tem o papel mais importante no corpo grotesco, pois ela devora o mundo; e em seguida o traseiro. Todas essas excrescências e orifícios caracterizam-se pelo fato de que são o lugar onde *se ultrapassam as fronteiras entre dois corpos e entre o corpo e o mundo*, onde se efetuam as trocas e as orientações recíprocas (Bakhtin, 2008, p. 277)

Assim, por meio de uma fala popular livre do discurso oficial, serão revelados um corpo novo e um antigo, apresentando um acontecimento do drama corporal, um começo e um fim.

1.3 O QUE ESTILO E GÊNEROS DO DISCURSO IMPLICAM?

Propusemos a pensar sobre o conceito de carnavalização no item anterior. Agora, trabalharemos a proposta de Bakhtin que pensa estilo diante dos gêneros do discurso. Estabeleceremos um paralelo entre o conceito de gênero proposto pelo pesquisador russo, bem como as críticas tecidas à estilística tradicional. É mister, também, nos ater ao que é dito com relação ao coletivo (estilo do gênero) e ao indivíduo (estilo individual).

Refletir sobre o estilo não poderia deixar de levar em conta as contribuições de Bakhtin, pois as ideias dele, na atualidade, são de grande influência aos estudos da linguagem. Mas há a necessidade de contextualização no que diz respeito ao estilo no quadro teórico de Bakhtin.

A linguagem é encarada como o produto de interação de dois indivíduos. Ou seja, é a forma de interação social cujo objetivo é a comunicação entre falante X ouvinte, entre um eu e um tu. Há um princípio que rege toda palavra – o de que linguagem é dialógica. Assim, toda palavra pressupõe um outro, a quem a fala deverá ser ajustada, de quem antecipa reações e mobiliza planos. Sob a ótica dos estudos bakhtinianos, o outro é, também, outro discurso ou outros discursos. Portanto, o ato de comunicação tem um caráter social, e o produto dessa interação será o enunciado. Como produto de trocas sociais, o enunciado liga-se a uma situação material concreta e também a um contexto que é o conjunto de condições de vida de uma determinada comunidade linguística.

Bakhtin foi quem nos disse que os discursos são produzidos de acordo com as diversas esferas de atividade humana, logo cada esfera exige de nós uma forma para manejar com a língua. Dessa maneira, temos uma esfera de atividade que é o bate papo com uma pessoa na internet, outra que é o jantar em família, o encontro com o porteiro ao sair e entrar em sua casa, uma reunião com o chefe, etc., cada uma dessas esferas exigem uma forma específica de uso da linguagem, um gênero diferente do discurso.

Embora exista diversidade nas produções de linguagem, elas não desordenadas. O autor russo nos deixou claro que a competência linguística vai além da frase ou da oração, ela se direciona ao que ele chama de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, “o todo discursivo”, ou seja, os gêneros do discurso, aos quais os falantes estão atentos desde seu nascimento. Então, gêneros do discurso são diferentes formas de uso da linguagem, as quais variarão frente às diferentes esferas de atividade do homem. Com relação a isso, afirmou-se que

Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gênero, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes maleáveis, mais plásticos e mais criativos (Bakhtin, 1997, p. 300-302)

Desse modo, em cada esfera de atividade social, os falantes fazem uso da língua de acordo com gêneros específicos do discurso. Frisa-se que se as esferas de atividade do homem são variadas, os gêneros do discurso também o

serão. Porque neles estarão inseridos desde um simples diálogo cotidiano até uma apresentação de um assunto científico e os modos literários.

Chamamos atenção, neste momento, para a classificação que o teórico russo fez para os gêneros. Isso é de importância, pois a heterogeneidade dos gêneros do discurso tornou difícil a tarefa de definir o caráter genérico do enunciado. A classificação por ele elaborada é organizada entre os gêneros do discurso primários (simples), constituem-se por aqueles da vida cotidiana, e que mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos e gêneros do discurso secundários (complexos) produzidos em situações de troca cultural “mais complexa e evoluída”, constituídos pelos gêneros principalmente da escrita, desenvolvidos nas áreas artística, científica, sócio-política. Com relação à distinção existente entre as duas classificações, Bakhtin nos revela que:

A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, do difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo) (Bakhtin, 1997, p. 282)

Assim, a partir de uma concepção teórica de enunciado e de gêneros do discurso como enunciados típicos que Bakhtin analisa o estilo e faz suas críticas à estilística tradicional. Conforme já apresentado, o gênero é definido pelo russo como “tipos de enunciados relativamente estáveis” quanto ao conteúdo, à construção composicional e ao estilo, para ele, o conceito de estilo está intimamente ligado ao de gênero do discurso. Ou seja, a partir do que Bakhtin (2003) afirmou “Onde há estilo há gênero” (p. 268), poderíamos

pensar que existe um elo indissolúvel entre estilo e gênero. Este caráter poderia ser notado ao analisar a questão sob a ótica de funcionamento do gênero. Pois, conforme já abordado, cada esfera da atividade humana e da comunicação humana apresenta seu estilo caracterizador. Sobre este aspecto, Bakhtin (1997, p. 284) insta que

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial ou cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado.

Observa-se que o estudo do estilo “sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade” (Bakhtin, 1997, p. 284). Mas para compreender melhor a concepção de estilo sob a ótica bakhtiniana, faz-se necessário um breve resumo com respeito ao enunciado concreto.

O pesquisador russo propõe uma diferença entre frase/oração. A oração, da mesma forma que a palavra, é unidade da língua, e por ser unidade da língua é um recurso linguístico virtual, a qual não diz respeito a nenhuma realidade determinada; por apresentar caráter virtual, ela “não tem autor; não é de ninguém” e conseqüentemente, é um elemento neutro não comportando aspectos expressivos ou emotivo-valorativos. Em oposição, o enunciado será a

unidade real de comunicação que se liga a uma situação concreta; é uma “expressão individualizada da instância locutora” (Bakhtin, 1997, p. 308), isto é, lugar em que o locutor manifesta sua subjetividade, sua atitude emotivo-valorativa em relação ao objeto de seu discurso e ao seu interlocutor.

Pretendemos, agora, apresentar algumas características que dizem respeito ao enunciado, de acordo com Bakhtin:

- O enunciado apresenta sujeitos falantes que se revezam, relacionando-os a outros enunciados anteriores.

- O enunciado apresenta como característica um acabamento por meio do qual se percebe “que o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas” (Bakhtin, 1997, p. 299). Por causa do acabamento, ao ouvirmos ou lermos um enunciado, conseguimos observar de forma clara que ele se mostra como acabado, finalizado.

Ressalta-se que o mais notável dos critérios de acabamento encontra-se no que afirmou o pensador russo “a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele” (p. 299), tal possibilidade irá desde uma resposta a uma pergunta banal, uma posição que se toma frente a uma exposição de caráter científico, a um romance. Bakhtin ainda nos alertou de que “É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. É a totalidade acabada que proporciona a possibilidade responder (de compreender de modo responsivo)” (p. 299).

- O que determina o acabamento do enunciado e propicia uma atitude responsiva é querer-dizer do locutor. Observemos o que foi proposto pelo pesquisador:

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexemática até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o intuito discursivo ou o querer-dizer do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras [...] e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer que mediremos o acabamento do enunciado [...] O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo - para formar uma unidade indissolúvel, que ele (o intuito discursivo) limita, vincula à situação concreta (única) da situação verbal, marcadas pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores (Bakhtin, 1997, p. 300)

-Para que o querer-dizer se materialize, o locutor escolhe uma forma de comunicação adequada à esfera de atividade humana na qual ele se encontra, isto é, um gênero do discurso. Com relação a isso, Bakhtin (1997, p. 301) escreveu o seguinte:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado

-Outra peculiaridade do enunciado é “a relação do enunciado com o próprio locutor e com outros parceiros da comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 308). Ou seja, como já apresentado “O enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra

esfera do objeto do sentido” (p. 308). Num primeiro momento, o objeto de sentido é que determinará que o locutor faça a escolha do gênero do discurso apropriado diante da esfera de atividade de humana em jogo. Atentamos que, numa segunda instância, a escolha da composição e do estilo, corresponde à “necessidade de expressividade do locutor” ante o objeto de seu enunciado” (p. 308).

Anteriormente, apresentamos características que estão atreladas ao enunciado. Mas, como nosso objetivo, nesse capítulo de fundamentação teórico-metodológica, é também compreender a respeito do conceito de estilo para Bakhtin, esboçaremos como a expressividade e o estilo se constituem:

-A expressão do discurso não é um fenômeno da língua enquanto sistema, somente o enunciado concreto comporta a expressividade e, portanto, a frase, a oração não.

-A expressividade se destaca pela relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do discurso. Sobre este aspecto, Bakhtin (1997, p. 309) disse que “a entonação expressiva é um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto de seu discurso”. Ao pensarmos sobre essa relação valorativa do locutor, percebemos que ela define o estilo individual.

-Ao escolher recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado, o locutor as faz a partir das intenções que presidem ao todo do enunciado. É esse todo que determina a expressividade de cada uma das escolhas que se contamina, que fica afetada pela expressividade do todo, ou seja, pelas

especificidades do gênero. Notemos o que o pesquisador russo escreveu sobre este respeito:

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos do sistema da língua, da neutralidade lexicográfica. Pelo contrário, costumamos tirá-la de outros enunciados e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero [...] No gênero a palavra comporta certa expressão típica. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contatos típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta (Bakhtin, 1997, pp. 311; 312)

-A expressividade não deve se restringir à expressão emotivo-valorativa do locutor com seu objeto de sentido, pois o enunciado sendo um elo na cadeia de comunicação verbal, mantém uma relação dialógica com outros enunciados; a expressividade de um enunciado se marca, portanto por essa relação com outros enunciados. Bakhtin (1997, p. 316) abordou esse aspecto quando disse que:

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhe determinam o caráter. O enunciado está repleto de ecos, lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera [...]: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles.

Por mais que já tenha sido abordado, valem, aqui, das palavras do teórico com respeito à expressividade de um enunciado:

A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro. As formas de reações-respostas [...] se diferenciam nitidamente segundo as particularidades das esferas da atividade e da vida cotidiana do homem nas quais se efetua a comunicação verbal... As tonalidades dialógicas preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado (Bakhtin, 1997, p. 317)

-Por conseguinte, o conceito de estilo em Bakhtin não abrange apenas a concepção de expressividade como manifestação da valoração do locutor frente ao seu objeto de discurso. O estilo inclui também as tonalidades dialógicas, ou melhor, a relação do locutor com seu interlocutor. Bakhtin (1997, p. 320) discorreu sobre isso:

A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? É disso que depende a composição, e, sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero

-O estilo de um enunciado considera o interlocutor e sua possibilidade de percepção/recepção, o que determinará a escolha do gênero:

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado (Bakhtin, 1997, pp. 320;321)

-Bakhtin critica a estilística tradicional, por ela não levar em consideração o papel que o interlocutor exerce no processo de interação verbal. Ele disse:

vê-se como o estilo depende do modo como o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo como ele presume uma compreensão responsiva ativa. [Essa constatação revela] com muita clareza a estreiteza e os erros da estilística tradicional que tenta compreender e definir o estilo baseando-se unicamente no conteúdo do discurso (no nível do objeto do sentido) e na relação expressiva do locutor com esse conteúdo. Quando se subestima a relação do locutor com o outro e com seus enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero nem o estilo de um discurso (Bakhtin, 1997, p. 324)

Ainda, nos embasando em Bakhtin (1997, p. 325):

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso. Diferentemente dos enunciados e dos gêneros do discurso, as unidades significantes da língua (a palavra e a oração), por sua natureza, não

podem ter um destinatário: elas não pertencem a ninguém assim como não se dirigem a ninguém. Melhor ainda: como tais, carecem de qualquer relação com o enunciado do outro.

-Concomitantemente, o estilo é individual e coletivo. Por falarmos sempre dentro de um gênero, ele é coletivo. O gênero é caracterizado por elementos de base, bem como pela permanência. Deve-se atentar para o fato de que os gêneros se concretizam em enunciados que, como unidades reais de comunicação, são assumidas por falantes, por indivíduos que marcam sua singularidade. O pesquisador russo confirmou isso por dizer:

As palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence) em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado (Bakhtin, 1997, p. 312)

Toda a linguagem é regida por um princípio norteador que é o dialogismo, segundo Bakhtin, logo para que a concepção de estilo sob um olhar bakhtiniano apresente coerência, a alteridade precisa ser compreendida tanto em relação ao outro - interlocutor quanto aos outros enunciados a que todo enunciado remete. O que o russo propõe é uma definição de estilo de forma dialógica, pois esta se assenta na singularidade, embora resulte da relação do sujeito com o outro, com a produção discursiva do grupo social.

Concluindo essa parte, Bakhtin (1997, p. 326) nos disse que:

“É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos lingüísticos de que necessita. Quando se analisa uma oração isolada,

tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro [...] Esses fenômenos se relacionam com o todo do enunciado e deixam de existir desde que esse todo é perdido de vista [...] Uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o todo do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um elo inalienável.

II

OLHARES SOB O *BLOG*

Diga, quem você é me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida
Tira, a máscara que cobre o seu rosto
Se mostre e eu descubro se eu gosto
Do seu verdadeiro, jeito de ser
(Pitty em **Máscara**)

No capítulo anterior, fizemos um esboço a partir de três conceitos presentes na obra do pensador russo que são: dialogismo, gêneros do discurso (estilo) e carnavalização. Tratá-los foi de extrema importância, pois, posteriormente, servirão de apoio ao processo analítico do objeto de estudo.

Neste momento, pretendemos apresentar algumas considerações a respeito do *objeto* escolhido. Como já apresentado, nos deteremos aos blogs veiculados pela Blogger¹¹ que apresentem conteúdo com temática gay. Ao nos concentrarmos nos blogs que apresentam essa temática, temos como objetivo traçar discursivamente, por meio das postagens ou textos veiculados nestes espaços virtuais, como o corpo é carnavalizado, como o discurso do outro é marcado, também como o estilo adotado pelos blogueiros gays se faz presente em postagens virtuais. Começaremos por definir o que é um blog.

¹¹ <https://www.blogger.com/start?hl=pt-BR>

2.1 PARA COMEÇO DE CONVERSA, O QUE É UM BLOG?

O dicionário Aulete Digital, no verbete “blog”, nos diz que blog é uma “página da internet que pode ser criada por qualquer pessoa, com conteúdo livre, geralmente pessoal (histórias, ideias, imagens), e que depende de autorização do criador para que os visitantes possam adicionar comentários”. Junto à essa definição dicionarística, agregaremos nossa definição com respeito ao blog. Para nós, o termo irá se referir a um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados “posts” que seriam artigos veiculados de forma virtual.

Ao definirmos o blog, será comum falarmos a respeito dos textos que são veiculados neste espaço virtual. Para isso, adotaremos o termo postagem que faz referência aos textos que circulam em cada blog posteriormente analisado. Com respeito às postagens que vão aparecendo no espaço virtual, elas, geralmente, serão organizadas de forma cronológica inversa e seguirão a temática escolhida por cada escritor.

Seguindo a temática de cada escritor, muitos blogs da atualidade têm fornecido comentários ou notícias sobre um assunto em particular. Citaríamos, por exemplo, os publicitários que, antes de lançarem algum produto, veiculam pesquisas mercadológicas a fim de descobrirem qual seria a aceitação do público diante de tal lançamento. O blog também tem servido de ferramenta no espaço acadêmico, pois media diálogos entre alunos e professores a respeito de leituras programadas para determinadas disciplinas universitárias.

O blog é o espaço que, frequentemente, casa textos, imagens e links. Por fazer escolhas ao escrever sob uma determinada temática, o blogueiro fará com que emerja uma identidade que define a si e traça o perfil do outro. Cremos que as escolhas linguísticas estarão conectadas ao gênero do discurso, isto é, somente encontraremos o sujeito nos textos que ele disponibiliza em seu espaço virtual.

Por termos adotado o blog, como objeto de análise, pressupomos que a linguagem empregada pelos blogueiros fuja da rigidez praticada nos meios de comunicação, com o intuito de deixar leitor mais próximo do assunto. Tal proximidade também é conseguida pelo fato de o blog possuir um espaço para comentários, o que possibilita o diálogo entre comunicador e audiência.

Para entendermos, o termo “blog” foi criado, a partir de outra palavra que é “weblog”, em 17 de dezembro de 1997, por Jorn Barger. Por sua vez, em uma brincadeira, Peter Merholz desmembrou a palavra “weblog” para formar a frase, em língua inglesa, “we blog”, ou seja, nós postamos (blogamos). Ao aparecer o termo “blogosfera”, explicamos que estaremos nos referindo à representação do mundo dos blogs ou os blogs como uma comunidade ou rede social.

Situando-nos, em 1999, o número de blogs era estimado em menos de 50, no final de 2000, era de milhares. Menos de três anos depois, os números saltaram para algo em torno de 2,5 a 4 milhões. Segundo o site Wikipedia¹², atualmente, existem cerca de 112 milhões de blogs e cerca de 120 mil são criados diariamente.

¹² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>

2.2 O BLOG E A PRAÇA PÚBLICA TEM ALGO EM COMUM?

No item anterior, fazia parte de nosso objetivo delinear nosso objeto de estudo: O blog. Portanto, percorremos um caminho que definiu a palavra blog sob a ótica de um dicionário, além de apresentarmos uma definição nossa com relação à palavra blog, bem como seus principais usos e seus idealizadores.

Temos como pressupostos teóricos três conceitos presentes na obras de Mikhail Bakhtin. Por isso, neste momento, esboçaremos sobre o que há de comum entre uma extensão da rede mundial de computadores e a praça pública, objeto de análise da obra de François Rabelais.

Quando se cria um espaço virtual, pode-se ter em mente diferentes objetivos e temáticas que tramitariam entre fins escolares, mercadológicos e a apresentação de assuntos íntimos.

Diferente de muitos que ainda guardam segredos sobre sua intimidade, alguns indivíduos, de forma corajosa, têm veiculado suas experiências sexuais. Veicular de forma pública suas relações com sujeitos do mesmo sexo é ainda uma atitude audaciosa diante de uma sociedade encarada como tradicional. Tal tradicionalidade silencia aqueles desprovidos de coragem, pois, para a sociedade em que vivem, podem parecer um desvio da normalidade.

Para que possamos compreender a questão, pensemos como a oposição à Igreja e ao Estado se dava. No passado, existiam indivíduos que não se

satisfaziam com as regras, tabus e comportamentos impostos de forma oficial, portanto buscavam opor-se e ridicularizar aquilo que tinham de seguir. Mas, para que houvesse oposição ao discurso pautado em regras, tabus e comportamentos, o sujeito tinha de ser corajoso para quebrar tal modelo a ser seguido.

Na atualidade, é notado que a norma sexual a ser seguida pela sociedade ainda é a heterossexualidade, e isso é apresentado via Igreja e Estado. Diríamos que a Igreja, sob uma perspectiva cristã, estabelece como correto as relações heterossexuais, pois embasa-se em seu Grande Guia, a Bíblia. Concomitantemente, está o Estado que ainda não promulgou leis que permitam a união estável de pessoas do mesmo sexo. Por levar em conta esses dois pólos, ora Igreja ora Estado, buscamos esclarecer uma de nossas escolhas teóricas que nos remete ao conceito de carnavalização.

Bakhtin, ao tratar do conceito, tinha em mente que todos os assuntos podem sofrer um processo de carnavalização. O teórico, sem dúvida, corroborava com a ideia de que a carnavalização possibilitava o diálogo entre dois mundos. Reconheceria, pela linguagem, a existência de dois mundos – o mundo oficial, normativo, onde viviam os donos do poder, e o mundo extraoficial, onde viviam os homens oprimidos pelo poder.

Como observa Bernardi (2009, p. 79), a praça era “espaço de uma liberdade utópica”, pois as encenações que ali se davam eram tão intensas que propiciavam o uso de uma linguagem especial, porque tratavam blasfêmias sob uma perspectiva de ambivalência semântica.

Na atualidade, a internet apresenta uma extensão que recebe o nome de blog, espaço que muito semelhante à praça da obra de François Rabelais, estudada por Bakhtin, em 1940, tem apresentado postagens nas quais o corpo,

geralmente carnavalizado, o discurso do outro e o uso vocabular tem se oposto às palavras da Igreja e do Estado, pois destoam daquilo que é proposto como o correto por eles. Segundo Coracini (2006, p. 148) os blogs criados, na Internet, são mais um espaço criado pela sociedade, o qual permitirá que se encene uma vida e, desta vez, o protagonista do espetáculo será o “eu”. Desse espetáculo, nos interessa saber como o sujeito se revela pela e na linguagem escrita.

Ainda, com relação à carnavalização, é de interesse ressaltar que, em determinados dias do ano, era permitido a alteração da ordem do oficial, os oprimidos ganhavam o direito de, a partir de brincadeiras verbais e de ritos e espetáculos especiais, trazer à tona o avesso da vida.

Portanto, a blogosfera é um dos meios, dos instrumentos que nos permite jogar com a identidade. Afirmaríamos que, a cada nova postagem, o blogueiro se compromete com uma identidade, o que o permite fazer escolhas linguísticas que permearão o gênero com o qual ele pretende manejar a sua enunciação. Poderíamos estabelecer, neste momento, um paralelo entre o que já apresentamos e o que se pretende enunciar. Quando Bauman (2005, p. 96) afirma que seria arriscado “Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo á frente, é um negócio arriscado”, ele fez referência ao ato de moldar as nossas identidades, sem nos fixarmos a uma delas. Isso estaria em consonância com o que Bakhtin (1997, p. 300) apresentou, pois moldamos nossas identidades por meio da linguagem, bem como damos atenção ao nosso interlocutor ou ainda fazemos uso de outros textos que foram enunciados em outros momentos. Bakhtin (1997, p. 301) nos afirmou que

Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. A comunicação verbal na vida cotidiana não deixa de dispor de gêneros criativos

Observa-se que os blogs serão espaços favoráveis à emergência de diferentes identidades, pois, ao escrever em um blog, há a possibilidade de escolha de diferentes gêneros. Sendo assim, porta-vozes de um estilo pertinente à postagem.

2.3 O BLOGUEIRO CARNAVALIZADO

Anteriormente, fizemos uma comparação do blog ao que Bakhtin elencou como palco principal das manifestações da cultura popular: a praça.

Já vimos que um blog pode servir para diversos fins, todavia muitos o empregam para pôr em funcionamento enunciações íntimas. Elas podem ser criações fictícias sem dúvida, entretanto nosso interesse não está nisso. O que nos interessa é saber como os blogueiros, em suas postagens, caracterizam o corpo por meio de suas escolhas linguísticas.

Se o conceito bakhtiniano de carnavalização estava ligado à subversão de valores morais e isso aconteceria por meio da linguagem empregada em praça pública. As postagens podem fazer emergir um blogueiro em condição de oposição ao que lhe é imposto. Como desde o início já ressaltado, o ser humano é feito de textos. Ele escreve, pois acredita que, dessa forma, consiga

registrar sua história. No caso do blog, as pessoas que ali postam textos, fazem isso como forma de opor a um discurso oficial.

No item anterior, fizemos um contorno acerca deste aspecto, agora pretendemos nos aprofundar. Toda sociedade produz o diferente.¹³ Os sujeitos pretendem se tornar diferentes na sociedade por causa de alguma imposição feita pela própria sociedade. Frisamos que, no passado, as pessoas tinham um período e um espaço para encenarem aquilo que era considerado não-oficial. Por meio de tal encenação, elas colocavam em funcionamento estratégias que visavam falar contrariamente às regras impostas pelos dois grandes ditadores: Igreja e Estado. Para contrastar com a situação do passado; na atualidade, temos extensões virtuais que tem se tornando propícias à subversão de valores morais. Para exemplificar, podemos citar a fala sobre relações sexuais de pessoas do mesmo sexo em ambiente de acesso público. Embora os blogueiros permitam acesso ao que é postado, o grande objetivo é se posicionar de forma contrária ao que é imposto pela Igreja que mediante preceitos bíblicos tem condenado a união de pessoas do mesmo sexo e, certamente, condenaria publicações virtuais que detalhassem tais práticas sexuais.

Interessa-nos explicar que a praça apresenta similaridades muito profundas com o blog. Poderíamos começar por mostrar que a praça apresenta domínio público da mesma forma que o blog traz tal característica. Qualquer pessoa pode ter acesso aos blogs com temática gay. Dos blogs analisados, nenhum pediu autorização prévia para visitaçãõ. Ao comparar a praça com o blog, pudemos pensar nessa possibilidade, pois a sociedade atual, como disse

¹³ Não faz parte de nosso objetivo traçar sob quais perspectivas um sujeito se torna diferente em termos sexuais ou psicológicos. Buscamos, por meio do estilo bakhtiniano, traçar quais escolhas são feitas para as enunciações presentes nos blogs com temática gay.

Bauman (1998), “aniquila o diferente, o mutila e tem como objetivo corrigi-lo”. Por isso, fugindo de tal aniquilamento, mutilação e correção, o blogueiro busca uma liberdade condicional.

Por mais que a liberdade de postagem nos blogs seja condicional, analisar como os blogueiros tratam seus corpos, o discurso do outro e empregam o vocabulário torna-se interessante, pois, de forma similar à sociedade analisada por Bakhtin, em 1940, nossa sociedade ainda não absorve as práticas e ações dos homossexuais, pois diferem daquilo que é amplamente proposto pelo discurso cristão.

Tem ficado evidente que para a Igreja, a heterossexualidade é tida como normal, pelo formato e pelas funções naturais dos órgãos do corpo humano. Além do mais, a norma óbvia é homem com mulher, e homem com homem beira à perversão. Outro aspecto que merece nossa atenção é que, ao lermos passagens bíblicas, perceberemos que as práticas homossexuais “não deveriam nem mesmo ser mencionadas entre os cristãos” e “que são até mesmo vergonhosas de se relatar” (Efésios 5:3, 12). Também, é interessante explicar que para a Igreja, o estilo de vida levado por sujeitos homossexuais não é algo aceitável, porque, se há milhares de anos, Deus destruiu Sodoma devido às práticas sexuais de alguns varões daquela região; hoje os que levam o mesmo estilo de vida serão igualmente destruídos no dia do julgamento final.

Posteriormente, veremos que os textos postados pelos blogueiros ao narrarem experiências homossexuais não evidenciam que tais práticas sejam encaradas como anormais ou que estejam indo em direção contrária ao que é

proposto pela Bíblia¹⁴. Por encararem como normal a forma de enunciar a respeito de suas práticas sexuais, é que os blogueiros se aproximam do conceito de carnavalização de Bakhtin. Porque rompem com discurso imposto pela Igreja, narrando suas experiências sexuais de um lugar diferente da normatividade da Igreja e do Estado. Ressalta-se que, ao falarem de tais atos que envolvam seus corpos, pressupomos que os blogueiros pensem que o leitor pode compartilhar de sua sexualidade ou não.

O blogueiro, ao compartilhar suas postagens, faz com que os leitores penetrem em sua intimidade, todavia, como bem ressaltou Coracini (2006, p. 144) “é uma maneira de penetrar na própria intimidade”, porque nos assemelhamos ao outro ou ainda “o outro nos constitui”. Com relação a sermos constituídos pelo outro, Bakhtin (2006, p. 115) disse que “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.

¹⁴ Ainda que haja outras referências bíblicas ao homossexualismo, uma largamente usada por instituições religiosas é: “Portanto Deus, em harmonia com os desejos dos seus corações, entregou-os à impureza, para que os seus corpos fossem desonrados entre si, estes, os que trocaram a verdade de Deus pela mentira, e veneraram e prestaram serviço sagrado antes à criação do que Àquele que criou, que é bendito para sempre. Amém. É por isso que Deus os entregou a ignominiosos apetites sexuais, pois tanto as suas fêmeas trocaram o uso natural de si mesmas por outro contrário à natureza; e, igualmente, até os varões abandonaram o uso natural da fêmea e ficaram violentamente inflamados na sua concupiscência de uns para com os outros, machos com machos, praticando o que é obsceno e recebendo em si mesmos a plena recompensa, que se devia ao seu erro” (Romanos 1:24-27, em Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (1992)).

III

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Na verdade eu sou o outro você
Tanto que enxergo em ti o que em mim não veria
(Lulu Santos em **Eu sou outro você**)

Fez parte do capítulo anterior um delineamento de nosso objeto de pesquisa, bem como a relação que este poderia estabelecer com o conceito presente nos escritos de Bakhtin ao estudar a obra de François Rabelais. Tal concepção bakhtiniana recebe o nome de carnavalização. Explicamos que a encenação carnavalesca se dava em praça pública, pois este espaço era o qual propiciava o uso vocabular indicador de uma linguagem livre de amarras sociais e religiosas. Ter uma linguagem que não se preocupasse com o que outros pensariam é o que nos fez relacionar a praça pública ao blog.

Farão parte deste capítulo, agora, algumas considerações sobre como escolhemos o objeto de pesquisa, a sua temática e qual blog foi nossa porta de entrada e por qual razão.

3.1 INTIMIDADES NO BLOGGER

Na antiguidade, as pessoas só tinham o direito de se pronunciarem de forma contrária à fala oficial, quando estivessem em praça pública. Na

atualidade, muitos se opõem a discursos já estabelecidos. Fogem de imposições, normas e padrões, e fazem isso por meio de postagens que são expostas nos blogs. Conforme já apresentamos, pressupõe-se que o objetivo da Igreja e do Estado seja banir as práticas, principalmente, sexuais que se apresentam de forma contrária ao que é proposto como correto.

Mas, para começo de conversa, como a licenciadora se apresenta ao blogueiro? Quais indícios linguísticos poderiam evidenciar uma criação humana que propiciaria o trabalho com uma linguagem que nos levasse a crer que a praça, elemento apresentado por Bakhtin, teria algo em comum com o blog?

A seguir, apresentamos o início de tudo com o qual blogueiros se depararão ao empreenderem a façanha de criar um espaço em que depositarão expressões que, discursivamente, tratem do corpo, do discurso outro e do uso vocabular no blog.

Idioma: Português (Brasil) ▾

Blogger™

Efetue login com a sua Conta do Google

Nome do usuário (E-mail) Senha: (?)

Lembrar meus dados (?)

LOGIN

Crie um blog. É grátis.

Seu blog. Compartilhe suas idéias, fotos e muito mais com os seus amigos e o mundo.

Fácil de usar. É fácil postar textos, fotos e vídeos da web ou do seu celular.

Flexível. Flexibilidade ilimitada para personalizar o seu blog com temas, gadgets

CRIAR UM BLOG

É fácil e só leva um minuto.

Saiba mais:

- Faça um [tour rápido](#)
- Assista a um [tutorial em vídeo](#)
- Descubra [mais recursos](#)
- Leia o [Blogger Buzz](#)

Blogs interessantes

[Cycle Chic from Copenhagen](#)

Figura 1.

A partir do que é apresentado na imagem, na página inicial do Blogger, leva-nos a instituir que ainda que blogueiros busquem tratar suas práticas sexuais de forma livre, elas ainda serão condicionadas. Este aspecto pode ser observado pelo fato de o blogueiro, ao instituir seu blog, ter de “efetuar login com a sua conta do Google”. Não faz parte de nossos objetivos discutir a questão do poder ou formas de coerção dos sujeitos da sociedade. Todavia, torna-se interessante ao processo analítico fazer tal asserção.

Ainda com relação à figura, o uso do verbo “criar” nos remete à capacidade humana de invenção, ao todo como processo criativo. Deve-se também levar em consideração o pronome possessivo e suas variações “seu”;

“suas” e “seus” que cerceiam as palavras “blog”; “ideias” e “amigos”, indicando que à essa criação, neste caso o blog, serão aplicados traços que indiciem seu gosto, um pensamento englobante de que aqueles que você tiver como amigos serão somente seus . Torna-se evidente tal afirmação nossa pelo uso das seguintes palavras na página inicial “personalize o seu blog com tema”. Outro aspecto que nos questiona com relação ao papel que a tecnologia exerce em nossas vidas, parte da facilidade de uso de um blog, segundo a página da licenciadora, “É fácil e só leva um minuto”, tal afirmação leva em consideração o mundo corrido em que os seres humanos vivem. Todavia, o uso do advérbio “só” nos evoca a pensar ou encará-lo como uma extensão que pouco ocuparia do tempo escasso dos humanos.

Espaços virtuais para a publicação de textos não nos faltam. Todavia é necessário que expliquemos como nossa escolha pelo Blogger se deu. Primeiramente, escrever em blog exige-se que seja algo simples e rápido. Tal facilidade proposta pela licenciadora nos chamou a atenção, pois muitos sites que se oferecem para postagens virtuais exigem de seus usuários um conhecimento de outras linguagens de programação, exceto HTML¹⁵. Ou seja, em minutos, a pessoa que quiser pode contar algo que tenha lhe acontecido de forma rápida. Além dessa facilidade apresentada, há outro aspecto que nos interessou que é o fato de a licenciadora ter um blog de temática gay que reunisse por volta de cinquenta blogs que explicita por meio de suas postagens os interesses da comunidade gay, bem como direitos e leis que os favorecem, o blog ao qual fazemos referência é o “Blogayroz” cujo endereço é

¹⁵ Int. Sigla do ing. Hypertext Markup Language, linguagem de programação usada na produção de páginas que podem conter texto, imagens, arquivos e ligações com outros documentos da internet (Aulete Digital)

www.blogayroz.blogspot.com. É interessante ressaltar a forma que o responsável por fazer as postagens do site marca a identidade gay do espaço virtual. Ao invés de fazer o uso da palavra rotineira que faz referência a quem posta textos virtualmente, “blogueiro”, usa-se uma criação linguística para isso, “blogayroz”.

A partir do acesso a este espaço que se denomina como a revista virtual do público gay, observou-se que havia, em sua estrutura, uma aba na qual constavam os visitantes que compartilhavam o mesmo interesse. Ainda que o site se preocupasse com a militância homossexual, apresentando um caráter político, nosso interesse ia numa direção contrária. Não buscávamos querer saber sobre tal faceta. Tínhamos como objetivo fazer uso da aba alocada ao site para encontrar blogs que nos mostrassem como sujeitos tratavam discursivamente suas práticas sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Não nos demos satisfeitos por apenas ter encontrado espaços virtuais de sujeitos homossexuais. Estabelecemos como categorias a religião e a sexualidade, e estas precisavam estar “estampadas” ou no endereço do blog ou na nomeação do blogueiro. Então, a escolha se deu pelos seguintes espaços virtuais¹⁶, pois apresentavam textos que, normalmente, faziam referência ao corpo, ao discurso do outro, e empregavam palavras de forma carnavalizada quando tratavam de suas relações sexuais.

Para exemplificar, tomaremos o endereço do blogueiro Foxx, www.soumundano.blogspot.com que, ao enunciar “Sou mundano”, põe em funcionamento uma condição presente, o que se oporia ao discurso religioso. Afinal, “mundano” é usado para designar aquele cujas ações são pertinentes

¹⁶ <http://homorango.blogspot.com/>
<http://arcanjomisterioso.blogspot.com/>
<http://soumundano.blogspot.com/>
<http://fodocomgays.blogspot.com/>

ao ambiente mundano, no qual os prazeres são encarados pela Igreja como terrenos. O blog do Foxx é nossa porta de entrada para outros blogs, pois ele funciona desde 21 de setembro de 2006, sendo assim um dos mais antigos, senão o mais antigo, a usar o espaço virtual para postar textos sobre suas práticas sexuais. Pensando que, segundo Bakhtin (2008, p. 04) os ritos e espetáculos carnavalescos tinham como objetivo oferecer uma visão de mundo exterior à Igreja e ao Estado, escolhemos aqueles, conforme já apresentado, que nos remetem a um contexto religioso.

O *corpus* será extraído de pelo menos quatro blogs, nos quais são apresentados textos que retratem experiências sexuais. O período em que compreende as postagens pode variar desde o início do ano de 2006 até a atualidade. Pretendemos analisar em média quatro textos de cada blogueiro, a fim de encontrar referências ao ato sexual, bem como suas ambivalências semânticas, tomando para isso os conceitos bakhtinianos de estilo, carnavalização e dialogismo. Escolhemos estes quatro blogs, pois foram os que, despreocupados de amarras sociais e religiosas, retrataram suas experiências sexuais providas de escolhas linguísticas que visavam detalhar atos e parceiros sexuais, além de construírem os corpos que se faziam presentes na cena do sexo.

3.2 O CORPO E SUAS FORMAS CARNAVALIZADAS NO BLOGGER

No item anterior, esboçamos com respeito à primeira página da licenciadora Blogger, também discorreremos sobre como nossa escolha se deu pela licenciadora e não por outra, visto a internet, na atualidade, nos servir de diversos espaços virtuais para tornar públicas nossas ações. Explicamos por meio de qual blog nossa entrada no ambiente virtual se deu e por qual razão.

Neste momento, decidimos fazer algumas considerações acerca do corpo, sobre o qual têm sido postados textos que o definem pelo processo de adjetivação remetendo a construções que a própria sociedade tem organizado. Já ressaltamos de início que o uso vocabular que qualifica o corpo tende a se conectar ao que foi proposto por Bakhtin ao analisar a obra de François Rabelais. O que o teórico russo chamou de ambivalência semântica pode estar atrelado ao processo de definição do corpo por meio do emprego vocabular.

O corpo traz em si marcas sociais. Se, nas interações sociais, os indivíduos podem vir a se definir discursivamente, eles fazem isso a partir de determinadas impressões discursivas atribuídas ao corpo humano. Atribuir a determinado sujeito adjetivos, como, por exemplo, “gostoso”, “suculento”, ou mesmo fazer uso de vocabulários tais “comer”, “papar” nos faz pensar que as escolhas linguísticas definem o usuário delas diante de um gênero discursivo, pois, anteriormente, já vimos que as pessoas enunciam visando a uma determinada esfera da atividade humana.

Tomando como base os quatro blogs analisados e, em média, os dezesseis textos neles presentes, notamos que os blogueiros não têm perdido a oportunidade de se aproximarem do padrão de estética que a própria comunidade gay tem proposto que é a concepção de “Deus Grego”.

Veremos mais tarde por meio de uma lista de adjetivos que para destacarem, dissimularem ou atenuarem particularidades de sua aparência, submetem-se dietas especiais, praticam exercícios físicos, bronzem-se, pois creem que, agindo assim, estão constituindo sua organização social.

Um dos traços mais notáveis do corpo e que o caracteriza é a plasticidade dos organismos, passível das mais diversas adaptações. As maneiras de andar, de nadar, de saltar, de dormir são tão convencionais como as regras de etiqueta ou os códigos jurídicos. Para exemplificar isso, notemos que um dos blogueiros analisado caracteriza discursivamente seu parceiro como dono de um “andar de macho”. As culturas, por isso, determinam as posições que se deve adotar para dormir, ficar em pé, sentar e descansar. Há regras para tossir, para espirrar, para cuspir, para o asseio corporal, para a prática de esportes, para o lazer corporal, para a infância, para a adolescência, para velhice, dentre outros.

O social se faz presente nas menores ações humanas. Em cada caso, para cada cultura, essas práticas, na aparência sem importância, traduzem mensagens – sobre o que é certo e errado, o que é respeitoso e o que é profanação, o que é nobre e o que é indigno.

Em sociedade, principalmente a gay, uma pessoa que não segue os caminhos geridos por ela, poderá ser excluído dela ou discriminado, pois há

padrões estéticos expressos discursivamente que passam a ser padrões de controle a que muitos se submetem. Pensamos que, se querem fazer parte de tal comunidade, os indivíduos devem adotar tais imposições estéticas.

O corpo é um sistema simbólico e porta sua mensagem mesmo que receptores e emissores não sejam conscientes dela. Por meio do corpo, a ordem fisiológica material se une à ordem ideológica moral, como signos nos quais se encontram e se reúnem o sensível e o inteligível, o significante e o significado. Como já abordado, uma ordem de ideologia moral, sem dúvida, seria perpetuada pelo que é pregado pela Igreja, na qual não se admitem pessoas do mesmo sexo tendo práticas sexuais. Ainda que estejamos nos referindo ao universo gay, mesmo dentro dele, há categorizações que apresentam caráter social. Por isso que podemos dizer que a linguagem que apreende o corpo é uma instituição social, assim as relações da sociedade com o corpo, são relações com ela mesma, ou seja, são codificações tanto lógicas quanto morais.

Louro (2004, p. 57) afirma que, ao longo dos tempos, as pessoas vêm sendo indiciadas, disciplinadas, classificadas, ordenadas, hierarquizadas e definidas pela aparência de seus corpos; a partir de padrões e referências, de normas, valores e ideais de cultura. A cor da pele ou dos cabelos, o formato dos olhos, do nariz, da boca, a presença da vagina ou do pênis são significados culturais e é, dessa forma, que se tornam marcas de raça e de gênero, de etnia, até mesmo de classe e nacionalidade.

Seria um engano, no entanto, supor que o modo de se pensar o corpo seja generalizável para qualquer cultura, para qualquer tempo e lugar. Não há verdade absoluta. A verdade que existe é a de convenções, construídas a partir

de critérios que se estabelecem como coerentes, úteis, inteligíveis e morais, isto é, permeados por questões culturais, políticas e morais.

Diante do corpo, pode-se pensar que há hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizarão a referência ao corpo. Também, podemos afirmar que o tratamento dado ao corpo variará, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências, as modas e os prestígios. Levando em conta isso, poderia afirmar que a existência de uma construção cultural do corpo, com a valorização de certo atributos e comportamentos, em detrimento de outros, haverá um corpo típico para cada contexto. Cremos que as construções linguísticas acerca do corpo que se fazem presentes nas postagens virtuais dos blogs são construídas a partir de uma exigência cultural de quem posta por ali. Será que uma postagem que tratasse de corpos gordos, sem “gomos” enrijecidos com muita malhação da academia faria sucesso? Afirmaríamos que os padrões corporais que apresentados nos blogs seguem aos padrões estéticos retratados pela própria mídia gay especializada.

É grande a referência, nos textos virtuais, a atos sexuais. Essa nova forma de comportamento transfere uma ação que pertencia à esfera íntima para a pública. É comum sabermos que tudo que se referia à vida sexual de um casal era escondido, orientava-se para a privacidade, com uma associação da sexualidade com a vergonha. Por associar a sexualidade à área privada, o comportamento padrão era encarado como padrão social. Por isso, exercia-se uma pressão sobre as pessoas para que privatizassem os impulsos sexuais com restrição à fala e ao uso de palavras relativas ao desejo sexual.

Ainda que existam restrições ao falar sobre as práticas sexuais, elas sempre têm como referencial o corpo do outro, os atributos que o outro possui que me faz admirá-lo. Interessar-se pelo corpo, pela beleza e preservação da juventude não é fenômeno recente. Contra a velhice mulheres e homens sempre lutaram, embora tivesse intervenção da Igreja que, novamente, procurava controlar tal empenho por fustigar o corpo, associando-o ao pecado e às forças obscuras e diabólicas. Mesmo diante de advertências religiosas, o investimento na beleza propagou-se, em especial na beleza do rosto e do abdômen.

No Brasil, investir em beleza tem se tornando de imensa preocupação, pois o culto ao corpo e à beleza ganhou uma dimensão social inédita. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada de imagens, profissionalização do ideal estético, vaidade excessiva em cuidados com o rosto e com o corpo fundaram novo movimento.

O corpo influenciado pela mídia passou a ser elemento fundamental de estilo de vida, por isso muitos têm se esforçado para manter seus corpos esculturais. Pois ele é uma marca indicativa de certa virtude superior daquele não a possui. É digno de nota aqui dizer que a moda não acusa nem elogia, apenas apresenta como um ideal a ser perseguido.

Um aspecto a ser notado, a partir dos blogs por nós visitados, de forma discursiva foi que o corpo se tornou vitrine compulsória de vícios e virtudes. Isto é, os blogueiros ao tratarem o corpo como diferencial ou atributo anulam a premissa “ser como tudo mundo”. Desse modo, assistimos, na blogosfera brasileira, uma glorificação do corpo, com postagens bem mais íntimas do que antes era escondido e mais controlado. Segundo Le Breton (2004), não é mais

o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a idéia que dele se faz. O autor afirma que a manipulação de si implica ferramentas técnicas que já encontram referências na vida cotidiana, pois manipulação e a maleabilidade do corpo são muito comuns na atualidade.

Dessa forma, o corpo é matéria-prima, pois por meio da linguagem o definimos, o redefinimos, o submetemos a um design. O corpo, afirma Le Breton, é hoje o motivo de apresentação de si. Podemos notar tal aspecto nos blogs, pois, ainda que respeitem a uma característica da narrativa que é descrever o personagem participante, sempre partem das protuberâncias que seu parceiro apresentará.

Nós tomamos o corpo, diante dos postulados teóricos de Bakhtin, como o meio utilizado para apresentar a visão de dois mundos.

Se para cada contexto, diante dos gêneros do discurso, fazemos escolhas linguísticas que revelam dentro de qual gênero enunciamos, o blogueiro apresenta a existência de dois mundos pelo emprego vocabular. O mundo com o qual o blogueiro compactua é apresentado pelo emprego ambivalente do sentido.

Para que possamos entender, pensemos a acerca do verbo “comer”. Ele pode nos trazer o sentido de “ingerir (alimento), introduzindo na boca, mastigando e engolindo (Aulete Digital), bem como “ter relações sexuais com”.

Por meio de escolhas linguísticas, marcamos discursivamente o corpo que se apresenta nas postagens ou textos virtuais. É interessante notarmos que, nas postagens virtuais, os textos que ali se veiculam evidenciam, por meio

da linguagem, um “corpo aberto, com protuberâncias e furos, visto em todos os comportamentos que inevitavelmente o relacionam com o exterior” (Ponzio, 2008, p. 25).

Se o corpo é relacionado à exterioridade, poderíamos, então, pensar com que o corpo estabelecerá um fechamento diante da identidade, o que conduziria a uma abertura para a alteridade. Para que fique claro, por mais que Bakhtin tenha teorizado que o corpo seja individual e fechado, auto-suficiente e isento de qualquer relação com outros corpos, o teórico russo esforçou-se para colocar o corpo numa relação intercorporal, pois, sem dúvida, há partes do todo corporal que se relacionam com o exterior.

Desse modo, os blogueiros, quando tratam de suas experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo, tendem a tratar o corpo com qual copulam por meio do uso de metáforas, além de tratarem de aspectos extremamente relacionados às partes do corpo com relação à dimensão. Por tratarem a dimensão de determinadas partes do corpo, geralmente o fazem por levar em conta alguma etnia. Tomando como exemplo a postagem de um blogueiro que diz “Pedi para matar a saudade do “enorme” instrumento “”.

Ressaltamos que muitos dos que postam apresentam, em seus espaços virtuais, textos que abordam características corporais que estão em consonância com o que a mídia gay apresenta como o padrão correto de beleza homossexual¹⁷. Fizemos um levantamento com respeito às características que serão atributos para que os corpos expostos virtualmente beirem à perfeição.

¹⁷ Revista destinada ao público gay trata a respeito do padrão de beleza gay diante de uma pesquisa que teve mulheres como espectadoras, ao analisar o estilo gay [:http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?todos=1&codigo=905](http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?todos=1&codigo=905)

Definiremos os atributos encontrados nos textos dos espaços virtuais, segundo os blogueiros Foxx, Arcanjo, Homorango e Jacinto Lento. Para eles, os corpos precisariam ser “fortes”; “suculentos”; “gostosos”; “perfeitos”; “com bundão”; “com bundona”; “com olhos claros”; “com olhos verdes”; “com olhos azuis”; “com coxas grossas”; “com paus grossos”; “com paus grandes”; “com peitoral definido”; “com corpo de homem”; “com bocão”; “bombado”; “bombadão” e “bombadinho”; “Deus grego”; “musculosos”; “sarados”; “com sorriso malicioso”; “machos”; “carne nova”; “esculpidos”; “com pegada de homem”; “com abdômen perfeito; “moreno”; “negro”.

Nos blogs, as pessoas, por abordarem como é o corpo do outro, esculpem o seu próprio ou sua expectativa com relação ao corpo. A palavra de ordem é o corpo forte, belo, jovem, preciso, perfeito. Sob regência dessa ordem desenvolve-se uma excelente forma de expressão.

3.3 O PENSAMENTO BINÁRIO

A redução da rigidez na classificação dos sexos surgiu em épocas diferentes, seja pela criação de nova categoria artificial, seja pelo reconhecimento de diferenças individuais. Na obra “Sexo e temperamento”, Margaret Mead (2000) explicou que uma das vias pelas quais as diferenças de sexos se tornaram menos rígidas é a do reconhecimento dos dotes individuais, quando ocorrem nos dois sexos. Exemplificando, ela disse que nas profissões em que o ato de escrever é aceito como habilidade para ambos os sexos, as pessoas dotadas dessa habilidade não precisam duvidar de sua masculinidade ou feminilidade essencial.

A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou feminilização com o qual a pessoa se compromete. Segundo Louro (2004, p. 119), a ação de nomear o corpo aparece no interior de uma lógica que supõe o sexo como dado anterior à cultura e atribui a ele caráter imutável e binário.

De acordo com essa lógica binária, o fato de uma pessoa ser do sexo masculino ou do sexo feminino não significa apenas que ela/ele possui certa conformação anatômica ou fisiológica. É também significativa que ela/ele possua um status cujos limites, direitos, obrigações estão convencionados e, em relação às quais, a sociedade mostra suas expectativas.

Em muitas sociedades, existe o ajuste na definição dos papéis que se atribuem a crianças e adolescentes, elas a veem como as mais naturais e as mais desejáveis. Embora muitas sociedades se restrinjam à bipartição de sexos, tal conceito não é adotado universalmente, pois existem sociedades que definem uma terceira posição – a que a tradição etnológica resolveu chamar de “berdache”, palavra de origem inglesa que faz referência ao momento em que o homem assume o “papel de mulher”, vestindo-se, pensando e comportando-se como tal. Dizem pesquisadores que ele chega a simular ciclos menstruais e gravidez, sem que seja homossexual ou hermafrodita.

É necessário que se pense acerca das diferenças existentes entre homem e mulher, porque elas acabam propiciando condições para que bases culturais sejam construídas. Afinal, será sobre o corpo que recairá o véu das normas sociais que cobrem e descobrem diante das leis de cada cultura. O corpo e seus diversos usos, desde há muito, desencadeiam uma forma de diferenciar os

diversos segmentos da sociedade. Por isso, estereótipos sexuais expressam o consenso generalizado a respeito das imagens que são atribuídas a cada um.

Ao realizar um trabalho etnográfico, durante dois anos, com tribos na Nova Guiné, Margaret Mead (2000) conseguiu observar que qualquer que seja a forma pelas quais diversas sociedades se apropriem da constituição genética da espécie humana, cada sociedade irá ditar normas para a forma de se relacionarem e a ela associarão valores a símbolos: divisão de poder, divisão da riqueza, entre outros. É evidente que tais símbolos, normas e valores podem ter variação diante de diferentes culturas, ou seja, cada cultura apresenta uma interpretação para tais segmentos. Por isso, não podemos assumir as hipóteses de uma cultura específica como absolutas e universalmente válidas.

Segundo Mead (2000), as padronizadas diferenças são criações culturais com as quais cada geração é treinada a se conformar. Isto é, coagir com o objetivo de levar as pessoas a comportar-se como membro de seu próprio sexo pode se converter, segundo Mead, em um dos instrumentos de mais força com que a sociedade tente moldar crianças em crescimento em formas 'aceitas'. Seria como se falássemos que a pessoa não seria um humano de verdade, a não ser que deixe de lado tendências destoantes do que é definido como ser humano.

Para que possamos pensar com relação à coerção existente diante do comportamento como membro do próprio sexo, é interessante considerar os modos de sentar e descansar, nas ideias de esportividade e honestidade, nos padrões de expressão das emoções e numa gama de outros pontos em que

podemos reconhecer as diferenças de sexo socialmente definidas, tais como limites da vaidade pessoal.

Mead (2000) ainda afirmou que, toda vez que o sexo da criança é invocado como motivo pelo qual ela deva preferir calças a saias, bastões de beisebol a bonecas, sugerimos à mente dela que, embora exista uma evidência anatômica contrárias, ela pode não pertencer ao seu próprio sexo. Isso é notado na cultura brasileira, pois os pais temem que seus filhos sigam uma sexualidade contrária àquela que possuem, por isso já logo matriculam seus filhos em escolinhas de futebol ou ainda veiculam imagens que deixem claro a que tipo de sexualidade devam seguir como padrão.

A existência do desajustamento é inevitável em toda a sociedade em que haja relações entre sexo e valentia, sexo e auto-estima, além do sexo e certa preferência em relações pessoais, pois os indivíduos se acham deslocados. Assim, o deslocamento faz com que esses indivíduos não apenas se sintam membros de uma sociedade em certo período, bem como membro de um sexo e não membro de outro.

Também, de acordo com Mead (2000), o fato de existir uma dicotomia determinada pelo sexo e limitada por ele pune, em maior ou menor grau, toda pessoa. Isso se aplicaria àqueles que não se ajustam, que são considerados anormais, o que confundiria aqueles cujos temperamentos são o esperado para seu sexo. Desse modo, são instituídas a dúvida e ansiedade. Por isso, segundo a autora, dentro de definições conflitantes sobre o comportamento adequado de cada sexo, quase todo tipo de pessoa tem campo para duvidar da completude de uma natureza realmente masculina ou feminina.

É interessante ressaltar que toda ordem advinda dos pais com o objetivo de definir como feminino a forma de sentar, de desenhar, de cantar, de dançar ou pintar, molda não só a personalidade do irmão de cada menina, como também da irmã. Segundo Mead (2000), não pode haver sociedade que insista em que a mulher deve seguir um padrão especial de personalidade, definido como feminino, que não viole também a individualidade de muitos homens.

Embora existam regras já institucionalizadas, haverá, sem dúvida, aqueles e aquelas que farão com que tais regras se rompam e transgridam aquilo que já está pronto e posto. Poderíamos pensar a respeito disso por associar os sujeitos que, usualmente, subvertem tais regras às pedagogias corretivas que instituições religiosas criam com o ledor engano de achar que estes indivíduos que romperam com o já posto precisam de punição ou de recuperação da atual condição em que se encontram.

De acordo com Louro (2004, p. 28), uma matriz heterossexual delimita padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, fornece a pauta para transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas que corpos se conformem às regras sexuais e de gênero, mas também a subvertam. Pensaríamos que como é criada uma expectativa de que o sexo esteja de acordo com o comportamento que se atribui a diferentes corpos, as identidades sexuais alternativas são tidas como desobediência erótica.

IV

MARCAS DISCURSIVAS QUE CONSTROEM UM BLOGUEIRO: UMA POSSÍVEL ANÁLISE DISCURSIVA

Say goodbye to the world
 you thought you lived in
 Take a bow
 Play the part
 of a lonely lonely heart
 Say goodbye to the world
 you thought you lived in
 to the world you thought you lived in
 (in Any other world, Mika)¹⁸

Fez parte do capítulo anterior delinear qual era nosso objeto de pesquisa, bem como sua temática e a relação que ele estabelecia com os pressupostos teóricos adotados. Para isso, tratamos da intimidade no Blogger, do corpo e suas formas carnavalizadas e da lógica binária. Neste momento, buscamos uma possível análise com o enfoque de três conceitos bakhtinianos: estilo, carnavalização e dialogismo. Já frisamos que estar diante de textos verbais faz com que nosso trabalho analítico se dê por esmiuçar campos semânticos, micro e macro organizações sintáticas, marcas e articulações enunciativas que caracterizam os discursos em foco e indiciam sua heterogeneidade, o gênero a que pertencem e os gêneros que nele se articulam.

¹⁸ Diga adeus ao mundo em que você pensou que vivesse. Agradeça. Faça o papel das pessoas solitárias. Diga adeus ao mundo em que pensou que vivesse.

4.1 O BLOGUEIRO E SEU PERFIL, O QUE NOS DIZEM?

Primeiramente, apresentaremos os perfis dos blogueiros escolhidos:



The image shows a screenshot of a Blogger profile page for a user named "Arcanjo Misterioso". The page has a blue header with the Blogger logo and the text "Push-Button Publishing". The profile is divided into several sections:

- Foto:** A square profile picture of a man with short, curly hair. Below the photo is a link that says "Ver tamanho ampliado".
- Estatísticas do usuário:** A box containing two rows of data:
 - Membro do Blogger desde: Outubro de 2006
 - Visualizações de perfil (aproximadamente): 1.000
- Perfil:** A large box with the name "Arcanjo Misterioso" at the top. Below the name is a list of personal details:
 - Idade: 26
 - Sexo: Masculino
 - Signo astrológico: Áries
 - Ano do zodiaco: Javali
 - Atividade: [Tecnologia](#)
 - Local: [Sul de Minas](#) : [MG](#) : [Brasil](#)
- Meus blogs:** A section with a link to "Diario de um Arcanjo".
- Membros da equipe:** A section with no visible members.
- Blogs que eu sigo:** A section with two links: "3 sem tirar" and "[gay alpha]".

Figura 2 – Perfil do blogueiro Arcanjo Misterioso

 **Blogger™** Push-Button Publishing

Foto



[Ver tamanho ampliado](#)

Jacinto Leto

Quem sou eu
"Sou jovem, bonito, rico e lúcido. E esse é o detalhe que põe tudo a perder."

Meus blogs **Membros da equipe**

[Eu fodo com gays idiotas](#)

Estatísticas do usuário

Membro do Blogger desde	Outubro de 2009
Visualizações de perfil (aproximadamente)	230

Figura 3 – Perfil do blogueiro Jacinto Leto

The screenshot shows the Blogger profile page for a user named 'FOXX'. The page has a blue header with the Blogger logo and 'Push-Button Publishing' text. The profile is divided into several sections:

- Foto:** A cartoon illustration of a fox's head. Below it is a link 'Ver tamanho ampliado'.
- Contato:** A link for 'Email'.
- Estatísticas do usuário:** A box indicating the user is a member of Blogger since September 2006.
- Personal Information:**
 - Nome:** FOXX
 - Idade:** 28
 - Sexo:** Masculino
 - Signo astrológico:** Leão
 - Ano do zodíaco:** Galo
 - Local:** Natal/ Belo Horizonte : RN/ MG : Brasil
- Quem sou eu:** Um colecionador de estórias, procurando aquelas que ainda não estão na minha coleção.
- Meus blogs:**
 - [Manual Prático de Sexo entre Homens Manu](#)
 - [Estórias Do Mundo](#)
- Membros da equipe:** (Empty section)

Figura 4 – Perfil do blogueiro Foxx

The screenshot shows the Blogger profile page for a user named 'Homorango'. The page has a blue header with the Blogger logo and 'Push-Button Publishing' text. The profile is divided into several sections:

- Foto:** A profile picture of a person with the name 'homorango' overlaid. Below it is a link 'Ver tamanho ampliado'.
- Estatísticas do usuário:** A box indicating the user is a member of Blogger since June 2007 and that their profile has been viewed approximately 970 times.
- Personal Information:**
 - Nome:** Homorango
 - Idade:** 24
 - Sexo:** Masculino
 - Signo astrológico:** Virgem
 - Ano do zodíaco:** Boi
 - Atividade:** [Assuntos legais](#)
 - Local:** [Fortaleza](#) : [Ceará](#) : [Brasil](#)
- Quem sou eu:** Um ser em mudança constante, para permanecer em um só caminho...
- Meus blogs:**
 - [homorango](#)
 - [menino nobre](#)
- Membros da equipe:** (Empty section)

Figura 5 – Perfil do blogueiro Homorango

Tomando os perfis como base de análise, percebemos que estes podem apresentar regularidades ou irregularidades, pois ainda que a licenciadora possibilite a construção de identidade blogueira, muitos ainda se policiam com respeito a alguns detalhes. Ressalta-se que, por meio das escolhas linguísticas, os blogueiros constroem uma identidade que seja detalhista para aspectos que devem ser vistos já de início, ao se abrir a página do blog.

Faremos um percurso que tocará as categorias que a página inicial apresenta ao ser acessada.

A partir da categoria **Quem sou eu**, podemos notar que três dos quatro espaços virtuais analisados apresentam escolhas que os definem. Para Foxx, ele é “um colecionador de estórias”, ou seja, muito do que ele conta, no blog, é parte de uma ficção. Para isso, ele nomeará um personagem que seja o porta-voz de tal “estória”. A página inicial do blogueiro Foxx é a única das quatro visitadas que apresenta um e-mail para que visitantes possam se comunicar com ele. O fato de ele apresentar tal meio de comunicação evidencia uma forma de aproximação de seus leitores, isto é, diríamos que é um meio encontrado por ele para cativar seus leitores. Para o blogueiro que se denomina por Homorango, dono de um blog com o mesmo nome, ele é “um ser em mudança constante, para permanecer em um só caminho...”. Observa-se que há uso de reticências, o que nos indica que esse “caminho” ao qual o blogueiro faz referência pode ser vários, pois ele próprio se define como estando em constante mudança. É interessante perceber que haveria uma troca entre o verbo “ser” e “estar”, pois tal blogueiro afirma que ele é “uma mudança constante” e, não, “está em constante mudança”. Passando para o perfil do blogueiro Jacinto Leto, nota-se que as palavras apresentadas, na

categoria “Quem sou eu”, estão marcadas pelo uso das aspas – “Sou jovem, bonito, rico e lúcido”, o que marca um dos princípios dialógico da linguagem. Mas para que um sujeito enuncie com respeito a ser “jovem”, “bonito” e “lúcido” ficaria claro que se está contrapondo-se a um discurso que diz que quem é jovem não tem “cabeça”, não tem maturidade o suficiente para tomar determinadas decisões. Ainda nota-se que um blog não apresentou a categoria “Quem sou eu”, sendo evidente a falta dessa, pois tal blogueiro se apresentou como “Arcanjo misterioso”, isto é, não se definiu, porque espera do leitor e visitante uma descoberta acerca do que ele seria

Um aspecto largamente seguido pela sociedade em geral e que também presenciamos nos blogs analisados é o horóscopo. Somente um dos blogs não apresentou tal categoria. Os outros três apresentaram variação entre os signos astrológicos de leão, Áries e virgem, bem como fizeram referência aos elementos do horóscopo chinês que são galo, javali e boi.

Para que pudéssemos entender como cada signo se relaciona ao indivíduo, recorreremos ao Dicionário de Símbolos (Chevalier, 2006). Sob “Áries”, pede-se que recorra ao símbolo “carneiro”, para o qual obtemos a definição de “ardente, macho, instintivo e potente” (p. 189). Poderíamos ainda relacionar o carneiro ao símbolo do cordeiro presente em algumas passagens bíblicas, o qual morreria em favor de muitos outros pecadores, com o objetivo de conceder a eles salvação. Para “leão”, obtemos definições como, por exemplo, “poderoso, soberano”. Mas ainda diz que o “excesso de orgulho e confiança faz dele um opressor” (p. 538). E, finalmente para “virgem”, temos como definição “o sexto do signo do zodíaco; símbolo da colheita, de trabalho, de destreza manual, de minúcia” (p. 961). Embora não tenha sido nosso objetivo nos aprofundar acerca da astrologia, providenciamos por meio da

apresentação de cada perfil e buscamos evidenciar por meio deles que os blogueiros fazem escolhas linguísticas com o objetivo de construir uma identidade diante de seus visitantes.

Dois blogueiros, na categoria “atividade” afirmam trabalhar com “tecnologia” e “assuntos legais”, o que nos leva a interpretar que eles, por colocarem tais motes como atividades, buscam evidenciar que sabem das leis, bem como são sujeitos interagidos com a tecnologia. Isso fica evidente, no caso do último blogueiro “Arcanjo Misterioso”, pois ele mesmo, em sua primeira postagem, afirmou que era analista de sistemas, não importando se fosse gay.

Outro aspecto que é de interesse tratar é a forma como pelo menos três blogueiros se nomeiam: Arcanjo, Foxx e Homorango.

O primeiro, ao nomear-se por Fox, ainda que duplique a letra “x” evidencia o que Crystal (2003, p. 87) já dizia com relação à língua inglesa. Que esta seria amplamente utilizada como meio de comunicação, servindo como forma de nomeação de seus usuários. “Fox” é a palavra que vertida para língua portuguesa seria “raposa” que, novamente, faz remissão ao processo de trazer características dos animais aos seres humanos. Tomando como base novamente Chevalier (2006), pensaremos acerca do processo de nomeação dos blogs por nós escolhidos. Com relação à “raposa”, Chevalier (2006, p. 768) nos diz que “tudo que a raposa é capaz de simbolizar, herói civilizador ou cúmplice de fraudes”. Ainda com relação ao processo de nomeação, podemos pensar a respeito do blogueiro que se diz “arcanjo”. Arcanjo se refere a Jesus, segundo algumas passagens bíblicas, pois este foi o único a lutar com criaturas perversas, assim guerreou contra Satanás, expulsando-o do Céu. Portanto, é normal que a bíblia retrate um anjo com tanta força, poder e autoridade. Para

que possamos entender, o prefixo “arc” (ou aru [e/i]) significa o “chefe”, ou o “principal”. Por último, temos o blogueiro que se nomeia por “homorango”. Tal nomeação foi a mais complexa para pensarmos a respeito, mas chegamos a uma suposição. Segundo Chevalier (2006, p. 620), o morango era atribuído como fruta dos mortos ou a fruta que representava a passagem entre dois mundos, a morte para um e o nascimento para outro. Podemos inferir que há uma conexão superficial com o espaço virtual do blogueiro, pois este é ora uma vida ora uma morte para que posta, pois é a ponte entre o que se considera possível e o que poderia ser possível: ora heterossexual ora homossexual.

4.2 O DIALOGISMO, O ESTILO E A CARNAVALIZAÇÃO NO BLOGGER

Começaremos por analisar a primeira postagem de um dos quatro blogs escolhidos, operaremos ora com os conceitos bakhtinianos ora com outras áreas da linguística para nos ajudar nessa análise, conforme já tratado anteriormente. Diremos a qual blog pertence a postagem analisada, bem como se houver a data em que foi postada no blog.

Saudações a todos que por ventura estiverem visitando este blog...

Resolvi criar esse blog, pois gostaria de ter um espaço onde pudesse expor minhas ideias, exorcizar meus fantasmas, discutir assuntos polêmicos... enfim... pôr pra fora o que gostaria de falar e que a sociedade me cala. Acho que preciso me apresentar, concordam? Então vamos lá... Sou mais um jovem, de 23 anos, sou analista de sistemas (atualmente desempregado), solteiro, adoro ler, ficar de bobeira na net, sou viciado em jogos eletrônicos (esse, admito, meu único vício), curto um filme legal, de vez em quando curto uma baladinha, ou um barzinho com a galera, e sinto atração por pessoas do mesmo sexo. Sim, sou homossexual... Vivo a minha vida

normalmente, e pra mim o fato de curtir outro cara é apenas um detalhe... Assumi minha homossexualidade recentemente, a pouco mais de um ano, contudo ainda sou atormentado por diversos medos, e por isso, seguindo uma sugestão de um amigo, resolvi criar este blog. Voltando aos motivos que me levaram a criar o blog, foi sugestão de um amigo, para que eu pudesse usar como válvula de escape, pra poder me sentir melhor... pra falar, pra me expor" (Diário de um Arcanjo).

A partir do excerto acima, observamos algumas escolhas linguísticas, como, por exemplo, o uso da palavra "saudações" que nos leva a questionar a proximidade que tal blogueiro possuirá de seus visitantes. O blogueiro ao enunciar "gostaria de ter um espaço onde pudesse expor minhas ideias, exorcizar meus fantasmas, discutir assuntos polêmicos" evidencia que o espaço virtual é o lugar no qual será o depósito para uma parcela das ideias que não são verbalizadas em outro lugar, exceto ali. Mas, é interessante notar o uso do futuro do pretérito (gostaria), pois este uso condiciona o fato de usar o blog como o lugar em que se pode postar de tudo. Cremos que ao fazer determinadas escolhas linguísticas, o blogueiro instaura duas vozes em sua enunciação por meio do princípio do dialogismo constitutivo. Esclarecemos que o dialogismo constitutivo é aquele que não se mostra no fio do discurso.

Ele fala sobre "exorcizar fantasmas", "sociedade calar", "sou atormentado por diversos medos", "sim, sou homossexual, vivo a vida normalmente, e para mim o fato de curtir outro cara é apenas um detalhe". A partir destes, percebemos que há pelo menos três vozes que se apresentam, se refutam, se negam. Cremos que "ser atormentado por diversos medos" e "exorcizar fantasmas" poderiam se aproximar de um discurso religioso que afirma que manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo é uma partilha do que o Diabo, ou para algumas religiões Satanás, quer que os humanos façam, desviando, assim, do caminho divino. Dando a entender que

aqueles que estão sob tal influência, como dizem alguns religiosos, precisam ter seus demônios expulsos.

Outra voz que permeia a enunciação reside na afirmação “sim, sou homossexual, vivo a vida normalmente, e para mim o fato de curtir outro cara é apenas um detalhe”, pois refuta o discurso da sociedade de que a vida dos homossexuais é difícil, sempre imbuída do preconceito. Além disso, ao enunciar “sim, eu sou gay”, este sujeito refuta todas as outras afirmações a respeito de sua sexualidade e busca respeito diante de seus visitantes. O uso do advérbio “normalmente” nos leva a observar que a enunciação carrega uma carga de sentido com relação à dicotomia Ser gay X Ser normal. O sujeito blogueiro ao usar o verbo “curtir” com seus complementos “um filme legal”, “uma baladinha” e “um barzinho” busca evidenciar o senso de normalidade, isto é, não é o fato de ser gay que o torna indiferente a ter gostos que são largamente encarados como bem quistos somente por heterossexuais. Outro fato ainda passível de análise é a afirmação “sou viciado em jogos eletrônicos (esse, admito, meu único vício)”, bem como “usar como válvula de escape, para poder me sentir melhor, para falar, para me expor”, porque nos leva a pensar que o blog apresenta um caráter psicologizante, pois o blogueiro faz o uso da expressão metafórica “usar como válvula de escape”, ou seja, as pessoas postarão sobre suas vidas na esperança de encontrar alguém que já tenha passado pelas mesmas situações das postagens, desse modo será estabelecida uma interação, o que, muitas vezes, gera uma resposta ao blogueiro. Afinal, a estrutura do blog permite tal interação textual (Postagem-resposta).

O blogueiro ao fazer escolhas linguísticas nos evidencia também sua identidade, não nos interessando se ela é ou não verdadeira. Ou seja, tal

blogueiro busca nos dar a impressão de que ele é um sujeito que muito se associa ao mundo moderno e apresenta um lado intelectual: jovem, 23 anos, solteiro, analista de sistemas, adora ler, ficar de bobeira na net.

Ainda analisando as postagens do blogueiro “Arcanjo”, tomaremos tal excerto:

Era horário de almoço, e bem na mesa da frente se encontrava um verdadeiro deus grego. Aproximadamente a minha altura, um cabelo castanho cacheado passando da hora de cortar, mas muito bem arrumado, ondulado. Usava uma blusa preta, e uma camiseta verde por baixo, aparentando esconder um corpo lindo, e provavelmente um lindo abdômen de tanquinho. A calça jeans com bolso em uma das pernas. E que pernas... Um rosto angular, com aqueles olhos castanhos médio, uma boca perfeita. Nesse momento trazia um garfo bem servido com macarrão. Como desejei que a outra ponta do macarrão estivesse no meu garfo, pra repetir a cena clássica de “A dama e o vagabundo”. Uma boca linda, com uma barba por fazer, que seria capaz de me deixar completamente embriagado nos beijos. Após comer o macarrão, uma nova garfada na salada, um pedaço de palmito. Qual seria o tamanho do palmito dessa divindade? (OMG! Quanta pornografia) (Diário de um Arcanjo)

A partir do excerto acima podemos observar que o blogueiro constrói a quem ele atribui todas as características de “deus grego”. Ele faz isso por meio uso de adjetivos com o objetivo de descrever o cabelo do outro. Ele diz ser “castanho, cacheado, arrumado ondulado”. É atribuído ao “deus grego” um lindo abdômen de tanquinho. O blogueiro ao destacar a parte do corpo masculino mais admirada por ele o faz da seguinte forma: “E que pernas...”. Todavia ao afirmar que tal cena vivida por ele se assemelharia ao clássico “A dama e o vagabundo” da Walt Disney, o blogueiro, novamente, faz uso do princípio dialógico bakhtiniano, pois ele utiliza outros fios discursivos,

valendo-se de uma cena fílmica para tratar de um episódio de sua vida. Para conseguir isso, ele apresenta elementos que talvez possam se opôr ao “vagabundo”. Para lembrar, a “dama” do filme citado vive algumas aventuras que evidenciam a liberdade, fator que ela não possuía na família a qual ela pertencia.

É interessante notar como se criou uma voz que apresenta um tom mais sensual. Isso se tornaria evidente pela forma em que o blogueiro narra a partir de detalhes corporais aos quais damos atenção, como por exemplo: cabelo passando da hora de cortar, este era cacheado. Além do mais, ele opta por trabalhar por orifícios que recebem nossa atenção, tais, como: a boca – a qual o blogueiro adjetivou por perfeita e linda, o que nos remete à condição de beleza que o “deus grego” instaura. Ainda com relação às características que, discursivamente, constroem a figura do “deus grego”, segundo o blogueiro, são “pernas grossas”, “barba por fazer” e “um provável abdômen de tanquinho”.

Valendo-nos ainda de um conceito bakhtiniano, que é a carnavalização, podemos observar que o blogueiro ao falar “da nova garfada na salada, um pedaço de palmito. Qual seria o tamanho do palmito dessa divindade?”, poderíamos pensar a respeito da ambivalência semântica, pois há uma inversão; aquilo que era para ser degustado pela boca passa a fazer referência ao baixo corporal, neste caso, ao falo ou ao pênis.

Ainda com relação à postagem, notamos uma voz advinda do discurso religioso que é o uso da interjeição de origem inglesa Oh, my God! ou OMG, bem como um arrependimento por ter divagado sobre assuntos tão impuros.

Tomando novamente o texto apresentado pelo blogueiro “arcanjo”.

Analisemos:

Aceitei a proposta e fomos pro carro dele, e antes mesmo de sairmos da UFMG ele parou o carro e nos beijamos de novo. Saímos, eu com as mãos na perna dele, e ele com as dele na minha perna. Chegamos, e os amassos cada vez mais intensos... aquela barba por fazer roçando minha pele... as roupas jogadas em um canto do quarto... as mãos de um explorando cada parte do corpo do outro... Saulo interrompe brevemente o momento de desejo carnal pra pegar um preservativo, e um tubo de gel. "Será que eu aguento tudo isso?" ele me perguntou. "Prometo que vou com calma" prometi sem intenção de quebrar a promessa. E então ele me deitou, e foi sentando por cima de mim. Pude sentir cada centímetro meu invadindo aquele homem imenso. Como era bom! Sentia prazer e satisfação por saciar a minha curiosidade de encontrar com um homem mais alto que eu. Ele anunciou o gozo, mas ainda estava longe de me satisfazer. Terminei atendendo ao pedido dele pra que gozasse em seu peito. Em um beijo atendi seu pedido. Depois que nos lavamos, fomos dormir. Ficamos deitados abraçados, e naquele abraço senti uma cumplicidade da parte dele, e me entreguei... Senti-me seguro e o fiz sentir segurança enquanto fazíamos carinhos um no outro até que o sono chegasse. Mas no meio da noite não me aguentei, e enquanto ele dormia, acariciava seu membro. Excitava-me ouvir aqueles gemidos de prazer misturados com sono. Acabamos nos amassando e nos masturbamos juntos. E após gozamos quase que juntos dessa vez, continuamos nosso sono naquele abraço de entrega.

Acordamos ainda abraçados, e enquanto ele preparava um café da manhã o abracei e dei um beijo em seu pescoço. Comemos, e ele me deixou no ponto, me dei um longo beijo e me disse: "Bem vindo a BH!" (Diário de um Arcanjo)

Por meio da postagem, primeiramente, podemos perceber que o blogueiro faz referência a ações que se relacionam ao corpo, como, por exemplo, “o beijo”, “o encostar da perna de um à de outro”, “o roçar da barba sobre a pele”, “a exploração do corpo do outro”, por fazer tal referência, torna-se interessante analisar como ele constrói a imagem do outro nessa postagem. Ele, geralmente, faz uso de um recurso que é a reticências, com o objetivo de marcar as preliminares sexuais, ele faz isso ao falar das “roupas jogadas no

canto do quarto” e ao se referir a “mãos explorando cada parte do corpo do outro”.

Embora, no texto apresentado, haja poucos empregos do discurso direto, cremos que quando este acontece é de extrema importância nos atentar para ele, pois quando o parceiro sexual pergunta: “Será que eu aguento tudo isso?”, ele instaura uma voz que nos remete ao pensamento popular de que indivíduos altos e com membros¹⁹ maiores podem vir a representar uma maior virilidade ou ainda submeter seus parceiros a práticas sexuais mais intensas. Tal fala também nos conduziria ao que Bakhtin (2008, p. 277) propôs ao analisar a obra de François Rabelais, pois teríamos uma atenção voltada totalmente para o membro viril que, segundo o teórico, é uma das partes mais importantes no corpo grotesco.

Ainda nos baseando no texto postado, poderíamos pensar a respeito de uma sujeição que é instaurada por meio do emprego vocabular. Notemos que ao fazer referência ao ato sexual, neste caso é feita referência por falar do sexo anal, o blogueiro o faz por dizer que “Pude sentir cada centímetro meu invadindo aquele homem imenso”, cremos que o emprego do verbo “invadir”, nesta postagem, demonstraria “a entrada pela força num lugar e sua ocupação” (Aulete Digital). É, também, interessante pensar acerca da afirmação do blogueiro diante da invasão sexual de seu parceiro, pois há uma valoração com relação a esse ato. As palavras empregadas por ele fazem remissão ao prazer, notamos tal aspecto, quando ele, ao tratar do sexo anal, faz uso das seguintes palavras: “Como era bom!”. Tal expressão valorativa

¹⁹ http://www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.php?contcod=27778 – O site AthosGLS, um dos maiores portais para o público GLS, apresenta uma reportagem com respeito a esse aspecto da vida sexual mundial.

expressou o prazer e satisfação de estar tendo relações sexuais com um homem imenso, como ele mesmo diz.

É necessário ainda pensarmos que, ao longo da postagem, apresentam-se várias referências que ora colocam o blogueiro como dominador ora seu parceiro sexual é encarado como tal. Notemos como isso se dá.

Quando o blogueiro afirma que atendeu ao pedido do parceiro sexual e gozou em seu peito, podemos notar que o uso da expressão “atender ao pedido” implica uma sujeição à ordem de alguém, ou seja, uma subordinação. Em outro momento, notamos que o blogueiro faz o uso do verbo “entregar”, ele diz que por notar a cumplicidade do parceiro sexual “entregou-se”, o que novamente evoca uma submissão do blogueiro a seu parceiro sexual.

Tomaremos, novamente, uma das postagens para análise do blogueiro “Arcanjo”:

Ao sair do banheiro, uma passada de mão em sua bunda. Ao virar pra ver quem era o engraçadinho, ficou por alguns milésimos de segundos sem ação. Um rapaz loiro cabelos cacheados, barba por fazer, olhos claros que por um instante se perguntou se eram safiras ou esmeraldas. Contrastando com seu rosto angelical, um sorriso malicioso, e um olhar sedutor que levaram o fôlego do Arcanjo pra 500 universos de distância. "Tudo bem contigo?" perguntou o rapaz ao Arcanjo. "Oi tudo sim, qual seu nome?" "Rafael e o seu?" Se apresentaram e a conversa seguia seu rumo. Mas as investidas do Arcanjo eram esquivadas por Rafael. Já quase desistindo, Rafael pegou a mão do Arcanjo e seguiram até o banheiro. Nas paredes os flyer de uma outra festa "Hell or Heaven". "O que quer dizer isso no flyer?" perguntou Rafael ao Arcanjo. "Inferno ou céu... Pra onde você iria?" E o jovem com nome de anjo colocou o dedo em cima da palavra Hell. Uma das cabines se abriu, e o anjo caído chamou o Arcanjo pra dentro com ele. "Safado!" exclamou Rafael olhando nos olhos do Arcanjo, e encontrou seus lábios com os dele. Um beijo intenso, com sabor de luxúria... Dois anjos caídos entregues aos prazeres da carne. Ao saírem do banheiro, Rafael

continuou de certa forma evasivo. Ainda evitava as novas investidas do Arcanjo, mas ainda assim instigava com seu olhar e com o sorriso convidativo, e pra instigar ainda mais, tirou a camisa e mostrou um peitoral lindo, definido sem exageros. Uma nova ida ao banheiro, e no meio dos beijos, Rafael interrompe o beijo: "Cara é o seguinte, eu tenho namorado, tem algum problema?" "Problema algum..." respondeu o Arcanjo. Pensou consigo mesmo enquanto novamente sentia as línguas se procurando: "Depois eu que sou o safado... eu vim pra poder me divertir, pra salvar meu final de semana. Não vou ser eu quem vai ter de dar satisfações a ninguém nem vou ter peso na consciência de ter feito nada errado... Ninguém mandou passar a mão na minha bunda..." E continuou se o jogo de gato e rato ao saírem novamente do banheiro. Após a quarta ida o jogo já havia acabado e os beijos já eram feitos na própria pista de dança. Ao saírem da boate Rafael pergunta ao Arcanjo: "Pra onde vamos agora?" Uma breve pausa, e o Arcanjo decidiu arriscar levar o rapaz até seu quarto e pegaram um táxi. Após passar o endereço, Rafael colocou sua perna sobre o colo do Arcanjo, que já estava com o braço envolto em seu pescoço. "Veste essa camisa... daqui a pouco você pode tirar ela de novo, e mais o que você quiser..." No elevador Rafael olhava com seu olhar de desafio repetiu: "Safado!". "Ah se não tivesse câmera nesse elevador..." pensou o Arcanjo... Entraram, e as roupas foram jogadas em um canto qualquer do quarto do Arcanjo. Os beijos mais intensos, as mãos percorrendo o corpo alheio. A boca do Arcanjo foi descendo pelo pescoço, percorrendo os mamilos até mais em baixo... Contudo mesmo com o Arcanjo fazendo o melhor de si, Rafael não conseguia empunhar sua arma. Ao perceber isso Arcanjo sobe todo o trajeto de volta até sua boca, encontrou novamente com os lábios do anjo caído que lhe falou no ouvido: "Porque que tinha de acontecer logo agora?", e em resposta sussurrou no ouvido de Rafael: "Relaxa, isso acontece... mas podemos nos divertir de outras formas...". E continuaram com a brincadeira... Trocaram de posição e Rafael se deitou como frango assado e com seus pés brincava com o peito do Arcanjo, que brincava com seu membro nas nádegas de Rafael. Mas não houve penetração... Terminando a brincadeira Rafael disse que precisava ir embora. Vestiram-se, e o Arcanjo o levou de volta até o corredor onde rolou mais um longo beijo de despedida enquanto o dia já havia amanhecido. "Se cuida cara!" "Você também..." Enquanto voltava pra cama atordoado pelo final de semana completamente inusitado, tinha uma certeza: tinha encontrado a definição perfeita pra Anjo caído... (Diário de um Arcanjo)

O blogueiro começa sua postagem por tratar de uma das partes corporais de mais interesse nacional que é a "bunda". Ele, inicialmente caracteriza o autor da passada de mão em sua "bunda" de "engraçadinho".

Tal caracterização merece nossa atenção, pois ele, ao fazer a escolha de usar o diminutivo, imprime ao rapaz que passou a mão na bunda um ar de infantilidade. Os detalhes corporais, novamente, aparecem largamente usados na parte inicial da postagem. Torna-se evidente a nós tal uso quando há a descrição da pessoa do engraçadinho. É válido pensarmos sobre como o blogueiro constrói a sua alteridade nessa postagem. Primeiramente, ele se nomeia por “arcanjo” que nos remete à figura de Jesus Cristo, a qual se oporá à figura angélica de Rafael. Para descrever Rafael, o blogueiro diz que este é “loiro, de cabelos cacheados, barba por fazer, olhos claros que por instantes perguntou se eram safiras ou esmeraldas”. Um aspecto interessante com relação à forma que arcanjo descreve Rafael está na dúvida de definir a cor dos olhos dele que podem ser azuis ou verdes. Mas, para descrever tal cor de olhos, ele faz o uso metafórico de duas pedras preciosas que são “safiras e esmeraldas”.

Ao tratar das características físicas de Rafael, o blogueiro nega a condição angélica de Rafael por dizer que ele possuía um “olhar sedutor” e um “sorriso malicioso”. Características que destoariam da real condição angélica que a própria Bíblia retrata, aquela que exige pureza.

É interessante, neste momento, abordar que o banheiro que conhecemos tem perdido o seu sentido original, pois ele não tem sido usado apenas para as necessidades fisiológicas, mas, sim, para a famosa “pegação” conhecida nos ambientes geralmente frequentados por gays. Ainda que não amplamente utilizado, o discurso direto traz algumas falas que são interessantes à análise. Quando o blogueiro é levado ao banheiro por Rafael, Arcanjo, ao explicar para Rafael o que o flyer queria dizer em português, traz ao seu texto uma voz do discurso religioso. O flyer intitulado “Hell or Heaven”, isto é, “Inferno ou

Céu” poderia possivelmente se referir à famosa premissa religiosa de que o inferno é relegado aos que fizeram coisas más e o céu entregue aos bons de coração, que seguiram uma vida de penitência, deixando os prazeres da carne de lado.

Poderíamos ainda pensar que, ao optar pela palavra “Hell”, ou seja, “Inferno”, Rafael também constrói sua própria oposição à condição angélica, pois refuta a castidade que a condição angélica exige. O blogueiro Arcanjo também ajuda a compor tal refutação, porque ele diz que Rafael é um “anjo caído” e para aqueles que creem nas passagens bíblicas o anjo que caiu do céu foi o Diabo. Ou seja, por preferir atos sexuais que negariam a heterossexualidade, Rafael estaria destronando-se da condição angélica e estaria corroborando com o mal ou com o seu maior mentor, o Diabo. Encontramos uma forma de dialogismo constitutivo também nas passagens “Um beijo intenso, com sabor de luxúria” e “Dois anjos caídos entregues aos prazeres da carne”, pois ao empregar a palavra “luxúria”, o blogueiro refuta o pensamento religioso, principalmente pertencente à Igreja Católica, de que o desregramento e o excesso sexual seriam um pecado capital, ainda é notada a referência a serem “dois anjos caídos entregues ao prazer” que nos remete de forma clara à expulsão do Diabo e de seus demônios, pois o primeiro desejava ser igual a Deus e os segundos se materializaram com corpos humanos e vieram à Terra para que mantivessem relações sexuais com humanos.

O blogueiro, ao descrever Rafael, diz que ele tinha “peitoral lindo, definido sem exageros”. Podemos pensar que, neste momento, o blogueiro refuta dialogicamente o pensamento com relação à forma física dos gays imposta e vista em muitos locais reservados para homossexuais. Ele a refuta por dizer que tal aparência corporal não é tida como algo construído pelos exageros.

É também interessante notar que, logo no início do texto, Rafael chama Arcanjo de “safado”, mas essa nomeação é disputada dialogicamente quando Rafael recobra a consciência de seus atos e afirma “Cara, é o seguinte, eu tenho namorado, tem algum problema?”. Podemos ainda notar tal luta pela nomeação de safado pelas palavras do Arcanjo “Depois eu que sou safado... eu vim para poder me divertir, para salvar meu final de semana. Não será eu quem vai ter de dar satisfações a ninguém nem vou ter peso na consciência de ter feito nada de errado”. Tomando como base as palavras do Arcanjo, podemos observar que, nelas, ainda temos a voz de uma fala da própria sociedade que diz respeito às regras conjugais e de traição. Podemos notar isso na forma que Rafael recobra a consciência de seus atos, bem como encontramos isso, quando Arcanjo diz a respeito de dar explicações sobre Rafael ter traído seu parceiro, que não estava presente à balada.

Outro fator que é de interesse notar é a forma que o blogueiro tece a sua identidade e a do outro por analogias, como, por exemplo, quando ele diz que Rafael e ele participavam de um “jogo de gato e rato”. Ao escolher tais animais, historicamente usados na TV e presentes em um desenho famoso, o blogueiro instaura uma dicotomia de fraco X forte, isto é, maior X menor que irá refletir na imagem de Rafael posteriormente, pois quando não consegue “empunhar sua arma”, isto é, ter ereção para consumir o ato sexual, para Rafael, este é um momento de sua fraqueza. Tal fraqueza abriu precedentes para que o Arcanjo o colocasse na posição sexual de “frango assado”, embora não o tivesse penetrado. Opondo ao fato de Rafael de não ter conseguido ereção, estão as palavras do blogueiro que designam seu esforço diante das práticas orais, notemos: “Os beijos mais intensos, as mãos percorrendo os mamilos até em baixo...”.

Para finalizar a análise deste trecho, o blogueiro dialogicamente expressa o discurso oriundo de uma sociedade que critica a promiscuidade que alguns casais gays apresentam. Ele faz isso por expressar: “Ah, se não tivesse câmera nesse elevador”, o que iria de encontro a algumas das fantasias de alguns casais que é fazer sexo no elevador.

Analisaremos, neste momento, as postagens do blogueiro Jacinto Leto que é responsável pelo blog *Eu fodo com gays idiotas*:

Quando um dos rapazes com quem eu fiquei disse que não queria ter nascido gay e ainda tinha problemas para lidar com isso, eu imediatamente lhe falei que aquele não era nem de longe o meu problema. Pra mim ser gay é quase um passo a mais na evolução humana. Somos meio que os mutantes dos X-men, e os humanos simplesmente sentem medo e receio por ser o que somos.

Esse relacionamento acabou já faz um tempo, claro. Aos 21 anos resolvo abrir esse blog, inspirado principalmente entre os tantos blogs gays que li nesse meio tempo, muitos deles presentes ai do lado. Foram meio que inspirações pra mim, vi que eles se sentiam desabafando e resolvi fazer o mesmo. Mas o meu mundo é um pouco diferente, eu sou um pouco diferente. Esse espaço é pra falar do estilo de vida que assumi pra mim. O que eu considero minha dádiva particular e também minha autodestruição. Não sou um gay que vai falar de direitos humanos, que pretende ser ativista, que vai falar de moda, balada, de como aquele cara é gostoso. Esse blog vai falar de uma única coisa, de como eu fodo com gays idiotas, uma versão do [Eu dou para idiotas](#). Bem, não é necessariamente isso, ou talvez seja. Enfim, começar um blog é visivelmente complicado, mas eu sei bem do que eu vou falar e essa é tecnicamente só minha carta de apresentação.

Sim, eu já tive namorados, já tive ficantes, já trai meus namorados, já fui traído, já transei a três, já transei com vários em uma pequena escala de tempo, já fiquei com um de dia e outro a noite, já fui usado, já usei, já fui usado e gostei disso. Você pode chamar isso de promiscuidade, mas para mim, uma coisa é ser promíscuo, outra coisa é renunciar prazer. Eu sei meus limites ao mesmo tempo em que estou

frequentemente tentando superá-los. Não sou um garoto de bate papo, de Manhunt, de Orkut, de MSN. Até já fui. Minha primeira transa foi com um homem que conheci num bate papo. Hoje não. Eu vou para as baladas, não sei o que é passar uma sexta-feira à noite em casa há dois anos. Eu cheiro cocaína, eu bebo, eu danço com os braços levantados pra cima seguindo o ritmo da música. A noite é meu altar. Não tenho muito das atribuições da vida da maioria das pessoas, como trabalhar e estudar. Meu pai no meu aniversário esse ano me disse algo que eu acho que nunca esquecerei: *“Você faz parte de uma minoria dentro de uma minoria”*. Na mesma noite, o garoto com quem eu ficava, o mesmo do início desse post, depois de transarmos me perguntou: *“Quem é você de verdade Jacinto?”*, e eu respondi, plagiando uma frase de Cavaleiros do Zodíaco: *“Aquele que mais anseia em saber quem eu sou, sou eu mesmo”*. (Eu fodo com gays idiotas)

O blogueiro, inicialmente, traz uma voz que nos faz pensar a respeito de sua sexualidade. Por opor um sujeito que assumidamente afirma ser gay diante de outro que ainda apresenta problemas em lidar com tal sexualidade. Ele ao tratar do fato de ser gay, diz que *“ser gay é quase um passo a mais na evolução humana. Somos meio que mutantes dos X-men, e os humanos simplesmente sentem medo e receio de ser o que somos”*, por fazer tais afirmações, ele, dialogicamente, evidenciaria o retrato dos X-men, pois eles são mutantes: humanos que, como resultado de um súbito salto evolucionário, nasceram com habilidades super-humanas latentes, que geralmente se manifestam na puberdade. Outro aspecto da vida gay que ainda nos remete aos X-men é expresso por meio das palavras do blogueiro que dizem que *“os humanos sentem medo e receio de ser o que somos”*, porque, conforme visto nos filmes e histórias em quadrinhos, muitos homens comuns tem um imenso medo ou desconfiança dos mutantes (cientificamente chamados de Homo superior), que são vistos pelos cientistas em geral como o novo degrau da

evolução humana²⁰. Poderíamos pensar aqui que a voz que é trazida à postagem do blogueiro é aquela que se harmoniza com aspectos biológicos, isto é, a um tom de caráter evolutivo pertencente à raça humana. Mas, pode-se pensar também que o emprego que o blogueiro fez dos X-men corrobora com algumas atitudes do diretor do filme. Ou seja, o fato de ter se referido aos X-men foi uma forma de dialogismo que se estende à luta dos direitos civis. É interessante ressaltar que a descoberta de super poderes poderia se assemelhar à descoberta do gosto ou atração pelo mesmo sexo. Levantamos essa hipótese, pois o diretor do segundo filme da série X-men, Bryan Singer, é assumidamente gay.

O blogueiro Jacinto procura refutar os outros espaços virtuais existentes. Ele faz isso, por dizer “Meu mundo é um pouco diferente, eu sou um pouco diferente”. Ele traz uma voz que refuta todas as outras formas de comportamento gay encontrado em outros espaços virtuais, o blogueiro evidencia tal refutação ao dizer que “Não sou um gay que vai falar de direitos humanos, que pretende ser ativista, que vai falar de moda, balada, de como aquele cara é gostoso”.

Jacinto, o produtor do blog *Eu fodo com gays idiotas*, esclarece que seu espaço virtual será uma versão de um blog feminino “*Eu dou para idiotas*” que retrata a futilidade humana ao escolher homens musculosos, corpos esculturais que, posteriormente nada acrescentarão à sua vida.

O blogueiro, como se estivesse respondendo a perguntas, dialogicamente, estabelece o perfil gay. Analisemos como ele faz isso. Por dizer “Já tive namorados, já tive ficantes, já trai namorados, já fui traído, já transei a três, já

²⁰ <http://pt.wikipedia.org/wiki/X-Men>

transei com vários em uma pequena escala de tempo, já fiquei com um de dia e com outro à noite, já fui usado, já usei, já fui usado e gostei disso”. O blogueiro afirma que trair e ser traído; transar a três ou transar com vários; ficar com um de dia e outro à noite; usar e ser usado e gostar de ser usado não é algo que afetaria a sua moral, nem poderia ser considerado promíscuo, pois ao não participar de tais atos, haveria renúncia ao prazer.

O blogueiro instaura uma voz que refuta novamente o comportamento gay de participar de redes sociais, como, por exemplo, “MSN; Orkut e Manhunt”, com o objetivo de encontrar pessoas da mesma tribo para se relacionarem. Tomaremos como exemplo, um dos sites gays que representam a rede social a qual o blogueiro fez referência em sua postagem. Notemos o que o site nos diz:



Figura 6 – Página inicial da rede social Manhunt

O próprio nome do site nos remete à aceitação do prazer a qual o blogueiro se referiu anteriormente, quando diferencia a promiscuidade e a renúncia ao prazer. Trouxemos a imagem, pois queríamos demonstrar como as relações que permeiam a vida gay são construídas. Por tratar de forma incisiva, o site que é intitulado de Manhunt, isto é, caça aos homens, apresentando o número de pessoas que são membros de tal rede social tornando a busca por um parceiro do mesmo sexo objeto de interesse de muitos, por isso o grande número de visitantes.

Ou seja, quando o site Manhunt diz “Nós temos os homens das suas fantasias”, existe uma intenção ao se enunciar e fazer escolhas linguísticas para que essa enunciação atinja o maior número de pessoas. Seria como se houvesse uma voz que dissesse que é possível ter o corpo escultural, com abdômen definido, dentre outros predicados.

O blogueiro havia dito que ser gay pode ser “uma dádiva particular” ou uma “autodestruição”, poderíamos pensar que a autodestruição está presente no descontrole de ações, como, por exemplo, ao cheirar cocaína, ao beber desregradamente, não possuir um emprego ou estudar como grande parte da população faz e encontra nessas ações uma forma de subsistência. Poderíamos pensar que, ao fazer referência a “Eu cheiro cocaína, eu bebo (...)”, o blogueiro estivesse contrapondo o que, em sua página inicial, afirmou – “Sou jovem, bonito, rico e lúcido. E esse é o detalhe que põe tudo a perder”. Retomando o que foi dito pelo blogueiro, com relação a ser gay e isto ser uma dádiva ou uma destruição, percebemos que ele beira à destruição, pois, instaurando a voz do seriado “Cavaleiros dos Zodíacos”, ele afirma que “Aquele que mais anseia em saber quem sou eu, sou eu mesmo”.

Tomando uma postagem do Jacinto, passemos à análise:

Homossexuais morrem todos os dias. Há aqueles que morrem de violência e aqueles que morrem de... vontade! E afinal, o que seria de muitos gays sem o preconceito? Sem essa sombra de intolerância? Ah, primeiro que uma fonte quase inesgotável de sexo fácil vai pelos ares. Ou você acha que o carinho que você conhece no *Manhunt* e no *Bate Papo da UOL* vai lutar pelo preconceito e se tornar militante de uma ONG LGBT? Tenta simplesmente chamá-lo de gay, e cuidado com um possível soco. Aliás, todos querem um homem gay hétero, não um homem gay afetado e que seja militante. Quando você reclama da solidão, é alguém parecido com um pornstar da *Belami* que você quer na sua cama, não alguém igual ao Jean que venceu o *Big Brother*. Acho esquisito. Mas tiro um proveito razoável disso. Temos uma série de homens que se escondem na sombra do preconceito. Homens bonitos, gostosos, que recheiam as academias, os prédios de funcionários públicos, as universidades particulares. Gente que não se considera gay, que tem nojo dessa palavra, que transa com mulher, mas que no fim adora ser passivo. Garotos criados para ser héteros a todo custo. Porque se ele tiver um sinal de gay o pai vai sufocar, vai colocar no futebol, vai bater até sair sangue pra que fale grosso.

Esse é o gay que anda com os valentões do colégio, que maltrata os garotos gays do tipo que dá pra identificar num milhão de quilômetros. É o gay que se esforça pra comer mulher. Que não tem modelos positivos pra ser gay. E no final das contas sabe o que ele vai fazer? Aos 30 anos vai sair no meio da noite, pegar traveco, vai ser passivo e vai trazer doença pra casa, pra família, pras mulheres que ele engana. E ele vai dizer: nunca mais. Mas o pau lateja, manda no homem e ele vai lá de novo. Eu às vezes dou uns pegas nesse tipo e faço isso sem culpa. Conheci Tiago semana passada. Fomos apresentados por um amigo, pois estamos na mesma universidade. 19 anos, negro, musculoso, pele lisa, barba grossa, voz grossa, coxas grossas e policial militar. Foda-se a preferência nacional pelo europeu. Eu tenho pele branca e olhos castanhos claros, eu gosto mesmo é de chocolate. Enfim, não pude me controlar, ele me excitou só com a presença. E poucas horas depois, se aproveitando de uma carona oportuna, estávamos em um motel vagabundo, quente e com paredes finas porque dava pra escutar Bruno e Marrone tocando no quarto ao lado. E sim, o pau dele é grosso também. Um corpo que eu deixava por cima do meu, me mordendo, me lambendo, esfregando o pau no meu e eu vendo aquela secreção inicial farta transparente escorrendo dele pra mim. Eram braços fortes que me agarravam, e sentindo o suor da pele dele na minha eu sentia que se ele me apertasse mais eu gozaria. E eu

pensei: vou me fartar. E o que ele faz? Fica de quatro! Depois de eu engolir o cacete dele por horas ele fica de quatro. Quanta decepção. Mas eu fui lá. Engoli meu orgulho ferido e comi o negão. E de fato, não foi de todo o mal. E quando nós gozamos e terminamos foi aquela coisa de sempre. O mal estar pela parte dele, o sem jeito. Eu fui tomar banho, reclamei das toalhas fedendo a cachorro molhado, tentei salvar um pouco a situação. Mas a conversa não rolava e ele só queria ir embora. Ótimo, eu também. Dizem que os gays são promíscuos, e somos. Porque somos gays, mas acima de tudo somos uma coisa chamada HOMENS, que em geral são promíscuos. E se estamos falando de dois homens (ou mais), você sabe muito bem no que dá... e no que come. Mas claro que ainda há os gays tímidos, travados, esperando um príncipe encantado... E claro que, de alguma forma, todos têm seus gostos e suas próprias escolhas, e uma hora, essa vida cruel desse manto de preconceito e sombras que mantém Tiagos na “ilegalidade” afeta até o mais correto dos “modelos” gays que realmente deveriam ser seguidos.

O blogueiro responsável pelas postagens do espaço virtual Eu fodo com gays idiotas, na postagem acima, constrói duas vozes que lutam entre si. Observemos como isso se dá.

Em primeira instância, o blogueiro nos deixa ver que há gays que não se assumem diante da sociedade, assim estes são aqueles que “morrem... de vontade”. O blogueiro traz ao seu texto, por meio do uso de perguntas, uma voz que “bate de frente” com a condição atual dos gays. Pois, só buscam por seus direitos, porque há preconceito e “sombra de intolerância”. É interessante observar que a luta das vozes não se encerra por aí. Ao tratar do “sexo fácil”, “da rejeição em ser chamado de gay”, o blogueiro nos apresenta uma nova forma de comportamento, ele evidencia tal comportamento ao indagar “Ou você acha que o carinha no Manhunt e no Bate papo da UOL vai lutar pelo preconceito e se tornar militante de ONG LGBT?”.

A luta de vozes continua quando este institui dois tipos de gay: “homem gay hétero X homem gay afetado e militante”. Para detalhar tal oposição, o blogueiro faz o uso de exemplos conhecidos do mundo gay, um deles é do

ganhador de uma das edições do *Big Brother* e o outro, é de “alguém parecido com pornstar da Belami”. Observamos que o blogueiro diferencia os dois tipos de gays pelo uso vocabular, bem como pelo uso imagético, pois as palavras “afetado” e “militante” nos remetem a um contexto bem mais feminilizado do que “homem gay hétero”, isto é, com o corpo definido, com fala grossa. Características essas que nos levam ao contexto do ator pornô da produtora Belami.

O blogueiro ainda por meio de sua postagem deixa entrever a voz do preconceito, isso ficaria evidente ao fazer o uso das seguintes palavras:

Temos uma série de homens que se escondem na sombra do preconceito. Homens bonitos, gostosos, que recheiam as academias, os prédios de funcionários públicos, as universidades particulares. Gente que não se considera gay, que tem nojo dessa palavra, que transa com mulher, mas que no fim adora ser passivo. Garotos criados para ser héteros a todo custo. Porque se ele tiver um sinal de gay o pai vai sufocar, vai colocar no futebol, vai bater ate sair sangue pra que fale grosso (Eu fodo com gays idiotas)

O blogueiro, em sua postagem, apresenta como o pensamento popular sobre ser homossexual ainda é retrógrado, pois a busca de uma satisfação não só sexual, mas social encontra-se na heterossexualidade. Ou seja, seguem o que é proposto como correto por outros, mas, posteriormente, buscam, então, sua satisfação sexual na escolha de práticas sexuais passivas. O blogueiro tornaria evidente tais aspectos por dizer que “Gente que não se considera gay, que tem nojo dessa palavra, que transa com mulher, mas que no fim adora ser passivo”.

Outro aspecto ainda observado, na postagem, é a forma com que o blogueiro trata aquele que aceita a passividade. Observamos isso nas seguintes palavras:

“Mas o pau lateja, manda no homem e ele vai lá de novo”. O blogueiro evidencia que o desejo sexual acaba por “falar” mais alto, não respeitando as convenções sociais e familiares.

O blogueiro define seu parceiro sexual por dizer que ele tinha “19 anos, negro, musculoso, pele lisa, barba grossa, voz grossa, coxas grossas e policial militar”. Novamente, o blogueiro faz referência ao tamanho do membro viril. Ele instaura isso por dizer a etnia, bem como por dizer “E sim, o pau dele era grosso”.

O blogueiro contrasta as características do parceiro com as dele e diz ser de “pele branca e de olhos castanhos claros”. Notamos uma voz que se opõe ao gosto nacional pelos Europeus, na postagem do blogueiro, pois ele diz “Foda-se a preferência nacional pelo Europeu”, “eu gosto mesmo é de chocolate” que nos leva a pensar que ele faz referência a cor negra.

Outro aspecto que ficaria latente na postagem do blogueiro está no fato de ele querer “se fartar”, isto é, ter seu desejo sexual satisfeito por aquele “corpo que eu deixava por cima do meu, me mordendo, me lambendo, esfregando o pau no meu (...)”, entretanto, ele se decepciona, pois o parceiro sexual “fica de quatro”, então percebemos a voz da decepção, pois este diz “Quanta decepção”.

Observamos também que a recorrência a verbos que apresentam uma ambivalência semântica nesta postagem é grande. Notamos isso, a partir dos seguintes empregos verbais “morder”, “lamber”, “engolir”, “comer” e “dar”.

Antes de passarmos para outro espaço virtual, analisaremos o último texto do blogueiro Jacinto:

Carne trêmula

Os melhores relacionamentos são aqueles que são impulsivos. Aqueles em que nada além do sexo selvagem descontrolado existe. Aqueles em que a única coisa que os une é a carne. É lógico, ninguém assume isso. Todos querem “*um amor que goste de cachorros*”. Isso é bem interessante. Quando se pergunta para alguém quem você quer para ter ao seu lado até que a morte os separe, a resposta é sempre diferente, mas sempre significando a mesma coisa: alguém que tenha afinidade e os mesmos gostos que você. Quando se pensa em alguém quando se quer um amor, a primeira cena que vem na sua cabeça é a de estar abraçado a dois num dia frio, nunca a de dois corpos nus, suados, sobre um calor de 40°, transando feito animais e cobertos com a sujeira do próprio sexo sem nem se importar com isso. O que eu acho mais lindo nos casais gays são quando eles dizem que: *o sexo não é importante*. Ao mesmo tempo, quando seus relacionamentos vão mal, a primeira coisa afetada é o sexo. Porque o sexo é sempre o termômetro de uma relação. É por isso que eu também não acredito (e nem respeito, diga-se de passagem) relacionamentos a distancia. Sexo é um dos elementos que unem as pessoas, sem sexo, onde está o relacionamento? Se o seu relacionamento não tem sexo e ainda assim rola, então não temos amor aqui, temos um *contrato de convivência*. Mas isso é assunto pra mais tarde. O assunto aqui é sexo sujo que não é sujo. Arfaro é um rapaz que teve vários relacionamentos, mas o mais marcante dele é um que ele teve com um cara que tinha namorado. E é interessante ver os olhos dele quando ele conta essa história. Seguinte: Arfaro conheceu um jovem e bonito médico que já namorava um outro jovem e bonito médico. As transas desse cara com Arfaro eram sempre vulcânicas. O sexo entre os dois era muito poderoso. Arfaro sempre prometia que seria a última vez, mas não era, e sempre que eles se viam, e alguma conversa mais seria surgia, eles começavam a suspirar, ofegar, o pau ficava duro, logo um estava engolindo o cacete do outro com tanta ferocidade que até os pelos da base eram sugados. E após seis meses, vocês devem pensar que o jovem e maravilhoso médico largou seu namorado por Arfaro. Claro que não! Por que ele largaria um rapaz inteligente, de família rica, belíssimo, de futuro promissor só para ficar com Arfaro? Só porque eles fudiam incontrolavelmente? Na verdade isso deveria ser um motivo bastante sólido, mas nem passava pela cabeça do medicozinho. Por quê? Por que o status de relacionamento que ele tinha com o outro nunca seria o mesmo com Arfaro, um técnico, meio gordinho, com uma voz meio afeminada, enfim, fora dos

padrões.

A maioria dos viados estão tão focados na procura pelo padrão que nos é jogado na cara, que esquecem o essencial: *a intensidade de se viver algo*. Hoje em dia não importa se a intensidade funciona, importa se você tem status de relacionamento. Por acaso eu sai em público com o rapaz que tinha um cu tão quente que levava meu pau a gozadas espetaculares? Nunca! Ele é desempregado, não conhece uma roupa de marca e usa chinelos o tempo todo. Mas eu fiz questão de ir à balada mais cara com o rapaz fofinho, jogador de futebol, sarado, que tinha um Honda Civic, mas que estava descobrindo o mundo gay agora, me comia mal e não beijava bem. Ah, por favor, eu não sou hipócrita. Hipócrita é quem não assume isso! De fato, ao meu ver, quem nunca viveu um relacionamento como o de Arfaro, nunca viveu um relacionamento de verdade. Não é a questão do relacionamento com traição e filha da putagem, você é um idiota se entendeu isso, é questão da intensidade. Na metade do ano passado, com 20 anos, eu conheci um ator de teatro de 16, o Junior. E eu, que nunca havia ficado com alguém mais novo, me envolvi num relacionamento absurdamente tórrido e sexual. Foram as melhores trepadas, aquelas em que meu corpo ficava suado, molhado, aquelas em que a gente esquece camisinha, não ta nem ai pra KY, vai cuspe mesmo. Aquele tipo de relacionamento que quando você esta junto você tira o pau pra fora, pede pra engolir, não tem carinhos, não tem palavras doce, tem luxúria, tem prazer. Depois rolavam os carinhos, as conversas, os risos. E também as brigas, os bate-bocas, os palavrões e toda a raiva que apenas um garoto de 16 anos muito gostoso e intenso pode proporcionar. Enfim, foi uma experiência gratificante. Senti-me renovado pra encarar muitos mais gays idiotas depois dela porque esse era top dos tops idiotas.

Enfim...

Acho que um dos grandes problemas do mundo gay é essa loucura de idealização. Os gays acreditam muito mais nessa historia de príncipe encantado do que as garotinhas fãs dos vampiros feitos de *Cristais Swarovski*. E lembrem-se que é você que acima de tudo escolhe como você vai viver a intensidade da sua vida. Eu já escolhi a minha. É uma escolha considerada errada pela maioria das pessoas, mas tem funcionado até certo ponto (Eu fodo com gays idiotas)

O blogueiro, em sua postagem, traz ao seu texto uma voz que, possivelmente, critica os relacionamentos impulsivos que se interessam pela “carne”, ou seja, pela matéria corporal. O autor do blog estabelece oposição

entre dois filmes que são “Carne trêmula” X “Procura-se um amor que goste de cachorros”. Por estabelecer essa oposição, observamos duas vozes que descrevem dois tipos de gays. Um seria aquele que apenas se interessa pela massa corporal e o que ela pode proporcionar de prazer. O que, similarmente, acontece no filme de Pedro Almodóvar. Ou, aquele que não se enquadra no real padrão de beleza, o que nos remeteria ao filme “Procura-se um amor que goste de cachorros”. Filme em que uma professora, depois de muitas decepções amorosas, aceita procurar por alguém numa seção de um jornal, mas deixa claro que este precisa gostar de cachorros.

O blogueiro, também, trata de uma voz que é silenciada por ser impulsiva, por querer “sexo selvagem e descontrolado”. Uma consonância encontrada no nome do blog estaria na nomeação de “idiotas” aqueles que lutam por mostrar que são lúcidos o suficiente para nunca quererem “corpos nus, suados, sobre um calor de 40°, transando feito animais e cobertos com a sujeira do próprio sexo”.

Novamente, ao tratar do corpo alheio, percebemos que este recebe atributos da beleza, notamos isso pelo uso dos adjetivos “jovem” e “bonito”. Há também um tratamento das preliminares sexuais por meio de verbos que evocam imagens, como, por exemplo, “começar suspirar”, “ofegar”, “o pau ficava duro”, “logo um estava engolindo o cacete de outro com tanta ferocidade que até os pêlos da base eram sugados”.

Na postagem, é notado um embate de duas vozes, conforme já citado. Uma delas busca o padrão corporal, além das riquezas que podem muito significar para uma sociedade de base capitalista, que você é aquilo que você possui. Essa voz é caracterizada no momento em que o blogueiro afirma que um dos

parceiros sexuais era um “rapaz inteligente, de família rica, belíssimo, de futuro promissor”. A outra voz que é contraposta nos é apresentada quando um outro parceiro sexual é descrito como “técnico, meio gordinho, com uma voz afeminada, enfim fora dos padrões”.

O blogueiro, ao tratar das partes corporais, novamente se apropria de forma carnalizada delas. Notamos isso, quando este fala sobre a condição de status de um relacionamento, ele diz “Por acaso eu sai em público com o rapaz que tinha um cu tão quente que levava meu pau a gozadas espetaculares”. Ele faz referência a uma das saídas e entradas do corpo, o ânus. Também, ao descrever suas práticas sexuais com Junior, ele afirma que

Foram as melhores trepadas, aquelas em que meu corpo ficava suado, molhado, aquelas em que a gente esquece camisinha, não tá nem aí para KY, vai cuspe mesmo. Aquele tipo de relacionamento que quando você esta junto você tira o pau pra fora, pede pra engolir, não tem carinhos, não tem palavras doce, tem luxuria, tem prazer (Eu fodo com gays idiotas)

Poderíamos notar uma carnalização do ato sexual, pois, ao invés de fazer uso de qualquer outro verbo que fizesse referência ao ato sexual, o blogueiro opta por dizer “trepas”, que destituído do seu sentido original, faz referência ao ato de transar. Notamos também uma voz que refuta todos os alertas originados da mídia que dizem respeito à proteção ou à prevenção de doenças, geralmente, mais comuns para pessoas que transam com uma variedade maior de parceiros. Poderíamos ainda notar que o “sexo selvagem” se dá pela falta de carinho e pela falta de palavras que demonstrem tal docilidade na prática sexual, como, por exemplo, “Aquele tipo de

relacionamento que quando você está junto você tira o pau para fora, pede para engolir, não tem carinhos, tem luxúria, tem prazer”.

Tomaremos agora o espaço virtual do blogueiro Homorango para análise de alguns textos.

Começaremos pelo seguinte trecho:

Lendo um post de certo blogayro, veio a seguinte frase a minha cabeça: “Homens (sexo) são presas fáceis”. E como sou homem isso cai sobre mim também. Mas a verdade é essa, eu tento ao máximo não ser a presa. E sim o predador. Não quero estar encurralado. E então, me responda amigos blogayros, VOCE É A PRESA OU O PREDADOR? (Homorango)

Notamos a construção **blogayro** que demarca a qual espaço virtual se faz referência. Poderíamos dizer que esta é uma forma de apresentar a identidade de quem escreve, assim estabelecendo um distintivo para quem visita tal blog, sabendo qual temática seu conteúdo permeará. Observamos, por meio do discurso marcado pelo uso das aspas, a seguinte enunciação “Homens (sexo) são presas fáceis”, há o uso de uma metáfora que, mais tardiamente, se oporá ao discurso que o blogueiro constrói ao afirmar que a ele cabe o papel de predador e não de presa. É também passível de análise a escolha vocabular de tal enunciação, pois ele instaura uma dicotomia entre fraco e forte, por meio das palavras presa e predador. Ou seja, algum animal pela força se renderá ou se sujeitará a um outro com mais poder ou que seja mais forte. Quando ele faz o uso destes dois (presas X predadores), ele também traz uma voz que reflete a condição dos homossexuais presentes na sociedade.

Continuando a tomar os textos postados por Homorango, analisaremos agora a seguinte passagem:

Estava eu com meu ex-namorado, melhor amigo do meu irmão, conversando sobre a vida. Eu sempre bêbado. Pedi pra matar a saudade do “enorme” instrumento. Ele sempre falava que não. Em certo momento, meu irmão saiu pra comprar lanche, o meu ex aproveitando disso entrou em casa, rolamos o maior amasso. Eu matei a saudade da enorme cobra. Só que a pizza saiu rápido e não deu como terminar o serviço, ouve o barulho do carro parando aqui e frente de casa. Eles foram comer a pizza. E eu? São 05h06min da manhã e to com ódio, por que detesto quem começa o serviço e não termina. Prefiro nem começar.

E meu irmão? Jura que não acontece nada! Uma vez fui revelar que seu amigo namora comigo. Ele respondeu: *“meu amigo não, ele não é bicha! É fantasia da sua cabeça”*. Passou-se dois anos desde que ele falou isso, passamos um ano namorando e mesmo assim meu irmão nunca enxergou, como até hoje, quando nos deixou sozinhos.

Apesar dos morenos sempre dominarem minha cabeça, esse loiro (meu ex) sempre me deixa arrepiado, e digo a vocês, nem tira e nem põe da foto acima. E ainda por que nem gosto de magrelo!

Humm, fazendo inveja a vocês, faltam 40 dias pra minha viagem à Salvador. Recebi convite de representar Fortaleza na Parada de Salvador. Representar o que? Eu nunca vou ser modelo de gay pra qualquer pessoa. Esquece... (Homorango)

A partir da postagem, podemos observar uma atenção do blogueiro que se volta para o membro de seu ex-parceiro sexual, notamos isso pela escolha linguística que ele faz ao descrevê-lo como “enorme instrumento”. Há uma associação, se assim poderíamos dizer, carnalizada com relação ao membro viril, pois este o nomeia de “cobra”. O substantivo tem seu significado destituído e passa trazer como sentido aquele membro que traga um

comprimento, que seja de satisfação, ou que evoque um pensamento popular de que quanto maior o membro viril, melhor a satisfação sexual.

Ao fazer uso do discurso direto, o blogueiro não o faz apenas por escolha, mas evidencia uma voz que desvela um preconceito, pois nomeia o irmão de “bicha” que irá se opor à figura que o próprio irmão instaura como portador de masculinidade, o amigo. Isso se torna evidente por meio da seguinte fala *“meu amigo não, ele não é bicha! É fantasia da sua cabeça”*.

Tomamos neste momento mais um texto postado pelo blogueiro.

Analisemos:

Estava eu bicando meu uísque com energético, todo perfumadinho, gola pólo preta com brasão bordado, quando passa a coisa mais linda. Tudo bem, a noite estava apenas começando, e eu NÃO escolheria ele pra ficar de primeira. Ele: magro, definido, com bundão e as coxas grossas, rostinho de neném, olhinhos que pediam carinho, andar machão, daria uns 18 anos de idade. Se eu ficasse com ele era por que me lembrava muito de um ex-namorado que até hoje sou louco (por que nunca consegui comê-lo). E entre tantos, tinha que escolher o magro ou os inúmeros bombados com peitão. Preferi ficar com um bombadinho carinha de safado ao invés do magro. O bombadinho se julgando muito bonito, era leso, não dava aqueles beijos fortes, não me dava tesão, o corpo era bonito mais não sabia usá-lo. Parecia até má vontade de ficar comigo. Logo soltei o bombadinho e fui correndo pro bar. Eu fazia aquela cara de paisagem, de raiva, de macho e isso atrai muitos olhares dos caras. E o magro novamente veio pra minha frente, mas agora era mais ousado, encochou em mim e se apresentou. O meu instrumento subiu logo quando percebi que de gay ele não tinha nada. Conversa vem, conversa vai. Descobrimos que trabalhamos na mesma empresa. Eu na sede e ele nas filiais. Logo deu aquela loucura de nos beijar, tanto por minha parte como pela sua. O primeiro beijo ocorreu na frente de todos. Pra raiva e decepção de alguns que esperava uma paquera. O beijo maravilhoso, boquinha gelada, corpo quente, macio, cheiroso, tirei a blusa e ele também. Ficamos nos beijando iguais a loucos. Veio a saideira, depois a carona de moto, e quando eu menos percebi já estava em sua cama. Deu aquela dor na consciência de estar traindo outra pessoa. Mas isso era o que menos importava. Tudo o que imaginava era “nossa estou ficando com um machão da empresa”. Surpreso, me entreguei nos seus braços. E mais surpreso ainda quando

ele virou de bruços pra mim, o peguei de jeito como nunca peguei o meu ex. E o pior que é a cara “cagada e cuspada”. Era como se estivesse pegando o Felipinho... (Homorango)

O blogueiro começa sua postagem por identificar aquele se opõe a ele. Começa essa descrição do outro por dizer que o outro é “a coisa mais linda”. Ele estava “todo perfumadinho, de camiseta gola pólo preta com brasão bordado”.

O sujeito com o qual o blogueiro pretendia ficar já é definido pelos aspectos corporais novamente, observemos como isso se dá. Ele destaca o corpo por delinear os seguintes detalhes “magro, definido, com bundão e as coxas grossas, rostinho de neném, olhinhos que pediam carinho, andar machão, daria uns 18 anos de idade”.

Uma voz que fica latente na postagem é a de que não basta ser “bombadinho”, como diz o blogueiro, precisa saber usar o corpo que se tem. Tornando evidente tal fala, o blogueiro diz que “o bombadinho se julgando muito bom, era lesão, não dava aqueles beijos fortes, não me dava tesão, o corpo era bonito, mas não sabia usá-lo”.

O blogueiro instaura dois corpos. Aquele com o qual pretende ficar e aquele que pretende descartar. O corpo com qual ele pretende ficar é descrito por deter os seguintes atributos corporais “beijo maravilhoso, boquinha gelada, corpo quente, macio e cheiroso”. Ao postar, ficou evidente a forma de caracterizar o magro que “enchochou e se apresentou” e o “bombadinho” que foi descartado pelo blogueiro”. É interessante nos deter à forma com que os aspectos corporais são empregados que, em grande maioria, são empregados pelo aumentativo ou diminutivo. Notamos pelo uso carinhoso de

“perfumadinho”, “rostinho”, “olhinhos”, “bombadinho”, “carinha”, “boquinha”, “machão” e “peitão”.

Ainda, por meio da postagem, notamos uma voz que destrona a posição de machão na empresa que é o fato de o parceiro sexual do blogueiro ter se “virado de bruços”, ou seja, ele seria o passivo, aquele que recebe o ato sexual. Tal fato seria a representação da inversão da imagem que ele quis apresentar no momento em que se conheceram. Percebemos isso, pois, na postagem, o blogueiro faz referências a ele como sendo o dominador e não o dominado, isso fica evidente nas palavras “O meu instrumento subiu logo quando percebi que de gay ele não tinha nada”. E, a partir dessa fala, poderíamos instaurar uma voz que refutaria o pensamento popular de que os sujeitos gays são feminilizados e inferiores. O blogueiro deixa isso claro por dizer que ficou excitado com a forma de chegar e tocar do parceiro sexual.

Tomaremos agora o último conjunto de textos e estes virão do espaço virtual do blogueiro que se nomeia Foxx

Ele limpava o próprio gozo, derramado na barriga estreita, esculpido em horas a fio treinando no quartel, com folhas de papel higiênico branco, com afetado nojo, quando dirigiu a palavra a Heitor, dizendo: "Você seria um ótimo namorado!" A declaração pegou Heitor livrando-se da camisinha usada. "Seria?", perguntou já vestindo a cueca boxer branca. O militar confirmou e acrescentou: "Você sabe fuder como um macho de verdade!". Envaidecido, Heitor voltou à cama que partilhavam. "Pena que eu não posso namorar um homem. Minha carreira, sabe?". E ele continuou a falar, contando da namorada que mantinha de fachada. Fachada para a família, fachada para os

superiores. Contando que gostava realmente de homens, enquanto rolava sobre os pelos de Heitor, dirigindo-se ao músculo que o jovem militar já manipulava por dentro da cueca boxer branca. Quando ele conseguiu, então, o que queria, e preparava-se para engolir, Heitor cantava baixinho *Billy Brown*, do Mika:

*Oh Billy Brown needed to find some peace of mind
And on his journey and his travels on the way,
He met a girlie who was brave enough to say,
When they made love he shared the burden of his mind
Oh Billy Brown you are a victim of the times
(Sou mundano)*

Conforme já observado em outras postagens de outros espaços virtuais, notamos que o blogueiro começa sua postagem por descrever o ponto de observação que é o abdômen, e suas palavras são “barriga estreita, esculpido em horas a fio treinando no quartel”. Por meio da figura do militar, entra em funcionamento a voz que delinea o preconceito vivenciado por aqueles que fazem parte de alguma corporação. A voz que elogia o blogueiro por saber fuder como macho é a mesma que diz ter uma namorada para que mantenha fachada para família e para superiores. O que acaba por ser contraditória, pois ora opera a favor de uma falsa heterossexualidade ora opera a favor de sua real satisfação sexual, que está na homossexualidade.

Para que se possa entender, o princípio dialógico que faz com que operemos alguns fios discursivos ao invés de outros está na intenção da pessoa que enuncia. Podemos notar isso, por meio do uso de uma parte da música do cantor Mika que se chama *Billy Brown*. Ao tratar do gosto por homens, mas que mantém a fachada para a família e para os superiores, o incômodo dessa situação encontra lugar para dialogar nas palavras expressas na música que diz “*Billy Brown* precisava encontrar um pouco de paz de espírito, e nas suas caminhadas e em suas viagens, ele encontrou uma “garotinha” que era

corajosa o suficiente para lhe dizer que, quando eles transavam, o fardo de seus pensamentos era dividido com “ela”. Oh Billy Brown, você é vítima de seus tempo”²¹.

Ainda nos valendo das postagens do blogueiro Foxx, analisaremos agora a seguinte passagem:

As coisas pegavam fogo naquela cama. Jardel tinha aquela pegada de homem. Aquela com força, mas com carinho, aquela que te submete, que você se torna dele. Heitor estava entregue. Aos beijos, as mãos, ao corpo daquele homem experiente. Jardel sabia estimulá-lo, tocá-lo, sugá-lo, sorvê-lo. Heitor de fato estava entregue. E já o desejava. "Coloca a camisinha vai? Me come!", disse o herói. Jardel esperava por isso, e começou a provocá-lo. "A camisinha!", cobrava Heitor. O outro ria e respondia que estava só brincando, não ia fazer nada. Heitor sabia que aquilo era mentira, mas a boca do outro no seu corpo, os dedos que o vasculhavam e o pau em riste tentando penetrá-lo sem nenhuma proteção. Jardel notava que o herói estava entregue. Tróia estava vencida! Foi quando ele avançou, Heitor, no entanto fugiu dizendo "Sem camisinha, não!", o outro o puxou rápido e derrubou-o na cama. "Eu sei que você quer". Heitor respirou fundo e calmamente falou: "Quero! Quero muito dar para você agora!". O outro sorriu contente. "Mas somente de camisinha". Jardel tentou argumentar, ainda deitado por cima dele, tentava penetrá-lo, foi quando Heitor escapou e o outro segurou forte pelo braço, intimamente assustado, Heitor fingiu que nada estava acontecendo. "Se você não vai usar camisinha, veste tua roupa e vai embora!". Jardel argumentou que estava limpo, que não haveria problema. "Se veste vai, e vai embora!". Jardel o olhava sem entender. "Eu falei sério!", ele começou a se vestir ainda sem acreditar. "Nunca me expulsaram de um lugar assim". Heitor já estava completamente vestido neste instante. "Sempre há uma primeira vez, meu caro, sempre há uma primeira vez" (Sou mundano)

O blogueiro, ao descrever mais uma de suas transas, traça o perfil do seu parceiro sexual e faz isso por meio de escolhas linguísticas que o colocarão,

²¹ Tradução nossa.

primeiramente, numa situação de sujeição. Notemos como isso se dá. Por dizer que “as coisas pegavam fogo na cama”, o blogueiro enuncia com relação á situação sexual de ambos naquele instante. Evidenciando ora força ora carinho, Foxx diz que “aquela força, mas com carinho, aquela que te submete que você se torna dele”. É interessante abordar que o blogueiro evidenciará a sua subordinação por dizer que “Heitor estava entregue”.

A partir da postagem, notamos uma voz que critica o comportamento de Jardel por este querer transar sem camisinha. Observa-se também o uso vocabular acerca do corpo: beijo, mãos, dedos e “pau”. Ainda notamos que para se referir às partes do corpo são usados verbos que destituem o sentido original, bem como seu uso. Isso ocorre com o verbo “comer”. “sugar” e “sorvir”.

Foxx, o blogueiro do espaço virtual “Sou mundano”, ainda posta algo com relação ao corpo masculino, analisemos como ele retrata sua transa nesta postagem:

Heitor estava sentando-o no seu colo. Tinha-lhe admirado as nádegas lindas, brancas, lisas e suculentas, as quais cravava suas mãos, todavia agora guiava seu pênis para dentro daquela musculatura macia. Quando o jovem Luiz então finalmente sentou no quadril do herói troiano, as mãos de Heitor seguraram os quadris do outro. No entanto, o herói só conseguia agora prestar atenção no abdômen perfeito que estava na altura de seus olhos. Luiz cavalgava e, enquanto isso, Heitor tocava cada músculo definido daquele ventre. Vasculhava-os com os dedos. O movimento, porém, mantinha-se cadente, e quando o herói decidiu olhar para cima, procurava o peitoral marcado, seus olhos foram atraídos por um sorriso. Luiz sorria. Sorrindo, fechava seus olhos e seu rosto se transformava com o prazer que ele sentia. Heitor não conseguiu evitar também um sorriso e, naquele instante, parou de se preocupar com o belo corpo que tinha ali em sua cama e se preocupou com o prazer que estava proporcionando aquele menino. Seus olhos se encontraram naquele momento, os olhos negros como

ônix de Luiz brilhavam, e as bocas se procuraram, findo o beijo, um gemido alto: Heitor o fizera gozar, lambuzando os pêlos do próprio peito. Luiz então sorriu, cansado. "Nossa, que pau perfeito!" (Sou mundano)

O blogueiro começa a postagem por nos apontar uma situação em que ele está no comando. Podemos notar isso por meio de suas palavras "Heitor estava sentando-o no seu colo". Pareceu-nos que ele queria dar a impressão de ter outro subordinado a si na prática sexual.

Há um delineamento com relação à parte traseira do parceiro sexual do blogueiro, sobre o qual é dito que as "nádegas, lindas, brancas, lisas e suculentas".

Interessa-nos pensar a respeito do uso verbal no que diz respeito a uma posição sexual. O blogueiro, ao tratar da posição sexual, afirma que Luiz, seu parceiro sexual "cavalgava". Tal emprego verbal nos relembra de um conceito bakhtiniano, pois existe uma destituição do sentido original do vocábulo para que este fosse empregado com o sentido outro se sentar sobre o parceiro e dominar a cena do sexo, o que subordina o outro aos movimentos de quem está por cima.

Tomaremos agora, o último texto do Foxx para que possamos fechar a sessão de análise dos textos postados em ambientes virtuais:

Heitor o sugava com desejo enquanto Marcelo gemia e tentava colocar todos os seus dezoito centímetros dentro da garganta do outro. Mãos deslizavam pelo corpo perfeito que Marcelo exibia o abdômen rasgado e as coxas definidas, os braços musculosos e o peitoral forte. Heitor

aproveitava aquele corpo que nunca mais voltaria a sua cama, mas que agora estava sentado no seu peito, revirando os olhos e contendo os gemidos que teimavam em escapar por entre aqueles dentes brancos. Foi quando Marcelo, ofegante, saiu de cima do outro e buscou sua carteira, tirou de lá de dentro um preservativo e vestiu-se com habilidade, colocando-se entre as pernas de Heitor com um olhar malicioso. Heitor sorriu e Marcelo o virou de bruços, e logo Heitor sentiu a língua do outro encontrar a pele macia e branca de suas nádegas e os dentes dele puxarem os pêlos de suas coxas. Foi então que o jovem moreno tentou penetrá-lo, porém Heitor instintivamente tentou escapar, Marcelo segurou-o pela cintura e beijou-lhe a nuca pedindo calma, Heitor então tomou o controle, segurou-lhe o pênis e o guiou para dentro dele, corajosamente, ouvindo por fim Marcelo gemer agradecidamente no seu ouvido. Logo, os únicos barulhos no quarto são gemidos abafados e o quadril de Marcelo batendo nas nádegas de Heitor (Sou mundano)

O blogueiro começa sua postagem por discursivamente apresentar uma inversão corporal, na qual notamos que o verbo “sugar” é destronado do sentido original e nos remete à prática oral, notamos isso por meio do seguinte trecho em que o blogueiro afirma que ele “o sugava com desejo enquanto Marcelo gemia (...)”. Além disso, observamos também que o destaque corporal de Marcelo está nos 18 cm de comprimento de seu pênis, embora o blogueiro decida defini-lo por “corpo perfeito” e suas extensões que são: “abdômen rasgado, coxas definidas, braços musculosos e o peitoral forte”.

Os atributos com os quais o blogueiro joga para definir seu parceiro sexual o fazem enunciar que aproveitaria aquele corpo, pois este nunca mais voltaria à sua cama. Tal enunciação nos remete à efemeridade das relações em geral, todavia o blogueiro deixa “escapar” tal característica de suas relações.

Ressaltamos também que além de tratar do prazer fazendo referência ao verbo “gemer”, o blogueiro faz uso de metáforas, como, por exemplo,

“revirando os olhos” que implica na descrição do prazer que o ato oral trazia ao parceiro sexual do blogueiro.

A partir da postagem, percebemos que há uma voz que é consonante ao discurso de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, isso ficaria evidente no trecho “Foi quando Marcelo, ofegante, saiu de cima do outro e buscou sua carteira, tirou de lá de dentro um preservativo e vestiu-se com habilidade (...)”, pois, segundo o blogueiro, seu parceiro sexual já estava em cima dele, mas preferiu dar razão à prevenção, indo em busca de um preservativo.

Ainda, tomando o mesmo período, encontramos a descrição da prática sexual anal que Heitor recebera, notemos como o blogueiro narra tal fato “(...) colocando-se entre as pernas de Heitor com um olhar malicioso”. Também, o blogueiro narra as preliminares por destacar as partes corporais de seu parceiro, notemos como isso se dá “Heitor sorriu e Marcelo o virou de bruços, e logo Heitor sentiu a língua do outro encontrar a pele macia e branca de suas nádegas e os dentes dele puxarem os pêlos de sua coxa”. Com relação ao período anterior, podemos observar que a posição descrita pelo blogueiro implica que este receberia o ato sexual e não faria tal ato, por meio do uso verbal “sentir”, ele evidencia seu contato com o corpo exterior e este se daria por meio do contato oral que a língua de Marcelo o propiciava. Outro aspecto que ainda merece nossa atenção é a referência do blogueiro aos dentes de seu parceiro sexual, pois estes também implicam uma questão de dominação, de resistência e de poder.

É de nosso interesse também observar como o comprimento do membro do parceiro sexual do blogueiro é retomado na postagem. No início da

postagem, o parceiro é predicado por possuir 18 centímetros de comprimento no membro viril, posteriormente ao fazer referência à penetração sexual, o blogueiro faz uso e se refere à cor de pele. Ele diz “Foi então que o jovem **moreno** tentou penetrá-lo (...)”, isso nos evidencia que a referência feita à etnia muitas vezes também predica uma pessoa com relação ao tamanho de seu “predicado” sexual.

Considerações Finais

Eles são gente
Mas não são gente
Como a gente...
Meu estilo de vida
Liberta minha mente
Completamente louco
Mas um louco consciente...

(Charlie Brown, em **Tamo aí na atividade**)

Embora algumas áreas, tais como a Linguística Aplicada, a Educação e a Comunicação já tenham tomado o blog como objeto de pesquisa. A área de estudos linguísticos ainda carece de material sobre o assunto. Por isso, tratar da temática gay ainda é complexo, pois não há muitos trabalhos que tragam uma relação de tal tema com a Linguística e com o fato de tornar públicas relações sexuais em espaços virtuais.

A partir de blogs veiculados por uma licenciadora, queríamos observar como os blogueiros traçavam discursivamente o corpo, como o discurso do outro se fazia presente nas postagens deles, além de querermos saber como os blogueiros empregavam o vocabulário ao tratar de suas práticas sexuais.

Acreditávamos que para tratar do corpo, do discurso do outro e do emprego vocabular precisávamos de algum teórico que contemplasse tais conceitos. Por isso, optamos pelos pressupostos teóricos de um pesquisador russo chamado Mikhail Bakhtin e os aplicamos às postagens dos blogueiros Foxx, Homorango, Arcanjo e Jacinto. Operamos com pelo menos três conceitos advindos da teoria do russo que são: dialogismo, carnavalização e estilo.

Percebemos que as postagens dos blogs analisados nos apresentavam a subversão de padrões morais ou regras sociais em favor de temas, formas e conteúdos relacionados aos instintos, aos prazeres sensuais e ao riso, o que estava atrelado ao conceito bakhtiniano chamado “carnavalização”. Conseguimos observar que, similarmente à praça da obra de François Rabelais analisada por Bakhtin, o blog era um local propício para criação de uma segunda vida, aquela totalmente distante de imposições sociais e religiosas, por mais condicionada que fosse a liberdade existente. Foi também por meio das postagens que pudemos observar inversões carnavalescas, “um mundo ao revés” (Bakhtin, 200, p. 10).

Ainda foi em Bakhtin que encontramos base para que pudéssemos apreender que o discurso reproduzido, o discurso citado, em suas diferentes formas, não representa somente um tipo especial de discurso, mas também está constantemente presente no sentido é um discurso reproduzido, que recorre ao discurso alheio, conforme afirma Ponzio (2008, p. 101).

Desse modo, as postagens dos blogueiros nos evidenciaram que não capturamos as palavras de um vocabulário, mas as escolhemos com um objetivo. Elas podem provir do discurso alheio, formando, assim, peças que formam parte de enunciações completas de textos. Foi de interesse perceber que as práticas sexuais quando narradas nos blogs, não eram apresentadas como palavras neutras, “vazias de valoração” (p. 101). Elas eram imbuídas de uma valoração, como, por exemplo, quando um dos parceiros sexuais do blogueiro Foxx, após “gozar” diz “Que pau perfeito!”.

Assim, neste trabalho, não buscamos nenhuma verdade sobre a forma como os gays se comportam e sim observar como o corpo, o discurso do outro

e o emprego vocabular eram construídos. Pudemos perceber que os blogueiros, quando narram suas práticas sexuais, fazem grande referência às partes do corpo que delineiam corpos sarados, esculpidos e rasgados. Há também escolhas linguísticas que se prendem ao comprimento que visa à satisfação sexual, além de usarem verbos que destituídos do sentido original são empregados com outros sentidos, evidenciando uma ambivalência semântica.

A realização desta pesquisa nos permitiu compreender que todo texto, seja ele oral ou escrito, reflete um enunciado anterior e norteia a direção a outro. Desse modo, podem fazer alusão, replicação ou ainda encontrar apoio em outros textos.

Neste trabalho, além de conhecer como se dá a construção do corpo, do discurso alheio e também do emprego vocabular ao se referir às práticas sexuais, pude repensar que qualquer escolha linguística implica em estar dentro de um gênero de atividade humana, para que consiga expressar aquilo que se tinha intenção de falar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAZERMAN, Charles. "Intertextuality: How Texts Rely on Other Texts." **What Writing Does and How It Does It**, Ed. Bazerman & Paul Prior. Erlbaum, 2004.

BRAIT, Beth. **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERNARDI, Rose Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CORACINI, Maria José. **Práticas Identitárias: Língua e Discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

CRYSTAL, David. **Cambridge Encyclopedia Of The English Language**. USA: 2003.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**: São Carlos: Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Prefácio à edição brasileira de A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

LE BRETON, David. **Sinais de Identidade**. Lisboa: Miosótis, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MIOTELLO, Valdemir. **Dialogismo: olhares, vozes, lugares**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Cesário Lange:
STVBT, 1992.